

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA  
CURSO ARTES VISUAIS

JANICE SILVEIRA

REMINISCÊNCIAS

Uberlândia - MG.  
2018.

JANICE SILVEIRA

## REMINISCÊNCIAS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Artes Visuais da Universidade Federal de Uberlândia, como parte das exigências para obtenção do Título de licenciado em Artes Visuais.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Ana Helena da Silva Delfino Duarte.

Uberlândia - MG.  
2018.

JANICE SILVEIRA

REMINISCÊNCIAS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Artes Visuais da Universidade Federal de Uberlândia, como parte das exigências para obtenção do Título de licenciado em Artes Visuais.

Banca examinadora:

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Ana Helena da Silva Delfino Duarte  
Universidade Federal de Uberlândia

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Elsiei Coelho da Silva  
Universidade Federal de Uberlândia

---

Prof. Dr. Rodrigo Freitas Rodrigues  
Universidade Federal de Uberlândia

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado aos 13 de Julho de 2018.

## FICHA CATALOGRÁFICA

SILVEIRA, JANICE  
REMINISCÊNCIAS / JANICE SILVEIRA. -- UBERLÂNDIA,  
2018.

117 f. : il

Orientadora: Ana Helena da Silva Delfino Duarte.  
TCC (Licenciatura - CURSO ARTES VISUAIS) -  
Universidade Federal de Uberlândia, UBERLÂNDIA, 2018.

1. Caderno de Artista. 2. Artes Visuais. 3.  
Diários. 4. Tempo: Memórias. 5. Pintura e fotografia.  
I. Duarte, Ana Helena da Silva Delfino. II. Título

*Dedico este trabalho a todos aqueles que fizeram parte da minha vida nesse momento tão importante.*

## AGRADECIMENTOS

À Professora Doutora Ana Helena da Silva Delfino Duarte, pela inegável capacidade de ensinar, sua paciência em direcionar-me no processo para a conclusão de minha formação acadêmica. Por estar presente no momento mais difícil da minha vida e por me sustentar com sua imensa generosidade e suas palavras de consolo.

*“Nunca é demais lembrar o quanto a honestidade é importante na arte. Ela não garante nada – o artista precisa ter algo com que e sobre o que ser honesto – e, no entanto é essencial e nunca pode ser separada dos procedimentos do talento (Clement Greenberg)”*

## RESUMO

A presente pesquisa tem como objetivo criar uma série de diários que faz alusão aos chamados livros, cadernos de artistas além de outras nomenclaturas relacionadas no campo das Artes Visuais. Por meio desses diários, em suas páginas registros fragmentos de minha história de vida, o que me permite reflexionar sobre o tempo e sobre a memória. As principais linguagens usadas nas representações das imagens são pinturas e fotografias.

Palavras-chave: Caderno de artista; Tempo; Memórias; Diários; Pintura e fotografia.

## ABSTRACT

The present research aims to create a series of diaries that alludes to so-called books, books of artists as well as other related nomenclatures in the field of Visual Arts. Through these diaries, on their pages records fragments of my life history, which allows me to reflect on time and memory. The main languages used in the representations of the images are paintings and photographs.

Key-words: Artist notebook; Time: Memories; Daily; Painting and photography.

## SUMÁRIO

<b>1. APRESENTAÇÃO: OS DIÁRIOS.....</b>	<b>12</b>
<b>1. O TEMPO.....</b>	<b>19</b>
<b>2. MEMÓRIAS.....</b>	<b>25</b>
<b>3. OS DIÁRIOS: COMPOSIÇÕES POÉTICAS.....</b>	<b>28</b>
3.1 MEMÓRIA, ARTE E FOTOGRAFIA.	31
3.2 LIVROS DE ARTISTA NO CONTEXTO DA ARTE CONTEMPORÂNEA:	38
<b>4. DIÁRIO 1: RETRATOS DE UMA CIDADE .....</b>	<b>42</b>
4.1 POÉTICA DO DIÁRIO: RETRATOS DE UMA CIDADE – FRAGMENTOS	43
4.2 PROCEDIMENTOS	44
4.3 SOBRE O SUPORTE PARA A CAPA E FÓLIOS	45
<b>5. DIÁRIO 2: LEMBRANÇAS VELADAS .....</b>	<b>49</b>
5.1 POÉTICA DO DIÁRIO:	50
5.2 PROCEDIMENTOS	50
5.3 SOBRE O SUPORTE PARA A CAPA E FÓLIOS	50
5.4 SOBRE A COR	51
<b>6. DIÁRIO 3: EMBORA EU NÃO TENHA PERCEBIDO.....</b>	<b>53</b>
6.1 POÉTICA DO DIÁRIO	54
6.2 PROCEDIMENTOS	55

6.3	SOBRE O SUPORTE PARA A CAPA E FÓLIOS	56
<b>7.</b>	<b>DIÁRIO 4: CARTAS QUE ESCREVI.....</b>	<b>59</b>
7.1	POÉTICA DO DIÁRIO	60
7.2	PROCEDIMENTOS	60
7.3	SOBRE O SUPORTE PARA A CAPA E FÓLIOS	60
7.4	SOBRE A COR	61
<b>8.</b>	<b>DIÁRIO 5: POR ONDE ANDEI.....</b>	<b>64</b>
8.1	POÉTICA DO DIÁRIO	65
8.2	PROCEDIMENTOS	66
8.3	SOBRE O SUPORTE PARA A CAPA E FÓLIOS	66
8.4	SOBRE A COR	67
<b>9.</b>	<b>DIÁRIO 6: TODO O AZUL DO MAR .....</b>	<b>70</b>
9.1	POÉTICA DO DIÁRIO	71
9.2	PROCEDIMENTOS	71
9.3	SOBRE O SUPORTE PARA A CAPA E FÓLIOS	71
9.4	SOBRE A COR	72
<b>10.</b>	<b>DIÁRIO 7: MAPEANDO A CIDADE .....</b>	<b>75</b>
10.1	POÉTICA DO DIÁRIO	76
10.2	PROCEDIMENTOS	77
10.3	SOBRE O SUPORTE PARA A CAPA E FÓLIOS	78
<b>11.</b>	<b>UMA SÉRIE DE CORES... ..</b>	<b>81</b>
11.1	POÉTICA DOS DIÁRIOS	81
11.2	PROCEDIMENTOS	81

11.3	SOBRE O SUPORTE PARA A CAPA E FÓLIOS	81
<b>12.</b>	<b>DIÁRIO 8: DEVANEIOS.....</b>	<b>84</b>
<b>13.</b>	<b>DIÁRIO 9: CORES 1.....</b>	<b>87</b>
<b>14.</b>	<b>DIÁRIO 10: ENTRE CORES E FORMAS.....</b>	<b>90</b>
14.1	POÉTICA DO DIÁRIO	91
<b>15.</b>	<b>DIÁRIO 11: ENTREMEIOS.....</b>	<b>94</b>
15.1	POÉTICA DO DIÁRIO	95
<b>16.</b>	<b>DIÁRIO 12: ENCONTROS E DESPEDIDAS.....</b>	<b>97</b>
16.1	POÉTICA DO DIÁRIO	98
16.2	PROCEDIMENTOS	99
16.3	SOBRE O SUPORTE PARA A CAPA E FÓLIOS	100
16.4	SOBRE A COR	100
<b>17.</b>	<b>DIÁRIO 13: IN MEMORIAM .....</b>	<b>103</b>
17.1	POÉTICA DO DIÁRIO	104
17.2	PROCEDIMENTOS	104
17.3	SOBRE O SUPORTE PARA A CAPA E FÓLIOS	105
<b>18.</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>107</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>110</b>
	<b>SITOGRAFIA.....</b>	<b>112</b>

**LISTA DE FIGURAS**

Figura 1 –.....	34
Figura 2 –.....	34
Figura 3 –.....	34
Figura 4 –.....	39
Figura 5 –.....	39
Figura 6 –.....	39
Figura 7 –.....	43
Figura 8 –.....	43
Figura 9 –.....	43
Figura 10 –.....	43
Figura 11 –.....	43

Figura 12 –.....	43
Figura 13 –.....	44
Figura 14 –.....	48
Figura 15 –.....	48
Figura 16 –.....	48
Figura 17 –.....	52
Figura 18 –.....	52
Figura 19 –.....	52
Figura 20 –.....	53
Figura 21 –.....	53
Figura 22 –.....	57
Figura 23 –.....	57
Figura 24 –.....	57
Figura 25 –.....	61
Figura 26 –.....	61
Figura 27 –.....	61

Figura 28 – .....	62
Figura 29 – .....	62
Figura 30 – .....	69
Figura 31 – .....	69
Figura 32 – .....	69
Figura 33 – .....	71
Figura 34 – .....	71
Figura 35 – .....	71
Figura 36 – .....	73
Figura 37 – .....	73
Figura 38 – .....	73
Figura 39 – .....	76
Figura 40 – .....	76
Figura 41 – .....	76
Figura 42 – .....	79
Figura 43 – .....	79

Figura 44 – .....	79
Figura 45 – .....	79
Figura 46 – .....	81
Figura 47 – .....	81
Figura 48 – .....	84
Figura 49 – .....	84
Figura 50 – .....	84

## **DIÁRIOS**

*“Todo o estado de alma é uma paisagem. Isto é, todo o estado de alma é não só representável por uma paisagem, mas verdadeiramente uma paisagem. Há em nós um espaço interior onde a matéria da nossa vida física se agita. Assim uma tristeza é um lago morto dentro de nós, uma alegria, um dia de sol no nosso espírito. E - mesmo que se não queira admitir que todo o estado de alma é uma paisagem – pode ao menos admitir-se que todo o estado de alma se pode representar por uma paisagem. Se eu disser “Há sol nos meus pensamentos”, ninguém compreenderá que os meus pensamentos são tristes (Fernando Pessoa).”*

## 1. APRESENTAÇÃO: OS DIÁRIOS

Com o propósito de refazer o percurso que trilhei na graduação no curso de Artes Visuais, na Universidade Federal de Uberlândia, inicio esse memorial descrevendo a minha trajetória pessoal desde os primeiros semestres e como cada disciplina influenciou na escolha de elementos visuais que estão presentes no meu processo criativo e por consequência estão referenciados em meu trabalho de conclusão de curso.

Ao ingressar no curso de Artes, não imaginava que a partir daquele momento, as minhas concepções sobre os mais diversos assuntos relacionados com imagens, dariam o tom de desafio para execução dos processos e procedimentos que seriam executados sob o ponto de vista experimental, constituiriam um primeiro passo para o resultado final deste trabalho.

Diante de técnicas que sustentassem o projeto a ser realizado, me colocava sob o ponto de vista daquele que busca efeitos e resultados, foi muito interessante perceber na infinidade de materiais usados as possibilidades existentes no decorrer dos trabalhos relacionados à descoberta de novos horizontes artísticos.

De maneira a suprimir algumas dificuldades e reforçar os acertos que obtinha ao longo desse processo, comecei a pensar sobre os significados que a arte inseria ao meu repertório de escolhas visuais.

Confesso que em muitos casos não compreendia a real essência daquilo que produzia, e por essa razão comecei a questionar o papel da arte na minha vida. Admirava algumas obras com um olhar ainda superficial, e desejava entender os pontos relevantes em cada obra.

Empreendi um caminho de visitar e apreciar a arte em exposições em diversos lugares, em todas as oportunidades sempre me colocando na qualidade de aprendiz, analisando os detalhes com mais atenção.

As questões relacionadas ao belo sempre me chamavam atenção, mas ainda não podia internalizar determinadas questões, e creio que ainda estou em fase de aprendizado e espero que essa minha vontade não se encerre nunca. E que tome um significado ainda mais pertinente.

O conhecimento que aos poucos ia se somando à prática, me proporcionou a realização de esculturas, desenhos, pintura e fotografia, momentos de intensa satisfação, pois continham além de um trabalho já concretizado, a certeza de uma prática técnica bem aplicada.

E essas novas ações práticas iam se mostrando e tomando corpo, tive a certeza que realmente a escolha de percorrer um caminho tão distinto da minha prática profissional, acrescentar-me-ia muito mais que conhecimento apreendido em outro patamar de intelectualidade.

A real importância desse processo de descobertas levou-me a questionar o verdadeiro ponto de inclusão da arte na vida das pessoas. Tentava me distanciar do meu trabalho e me aproximar das várias abordagens artísticas, claro que isso muitas vezes não podia ser algo prático, pois não existe uma dicotomia na vida.

Não era possível desvencilhar-me das angústias causadas pelo *stress* que me submetia diariamente, e por outro lado essas mesmas angústias me incentivavam a buscar momentos de introspecção, no intuito de aproveitar melhor cada momento.

Eu pensava na possibilidade de atuar futuramente de maneira multidisciplinar a fim de aproximar as duas profissões e criar algo que pudesse ser uma contribuição ao processo da recuperação dos indivíduos. Particpei de um estágio, no departamento de clínica médica, no Hospital das Clínicas da Universidade Federal de Uberlândia – Minas Gerais.

A proposta era retirar o doente do quarto e atuar em uma ação educativa, na modalidade de oficinas, ensinando atividades relacionadas à manualidade, como desenho, pintura, e objetos decorativos. Nessa ocasião a proposta foi de fazer um pequeno caderno de anotações e posteriormente, ensinei as técnicas básicas do desenho.

Esse tipo de proposta se restringiu ao estágio, eu não tive a oportunidade de retomar a mesma ação em outro lugar, entendo que para esse fim seja necessária uma equipe composta de outros profissionais, cada qual atuando em sua área, criando condições de um tratamento mais humanizado, conforme preconizado pelo SUS.

De volta à vida acadêmica, no processo de conhecimento das diversas áreas de abordagem das linguagens visuais e de discursos empreendidos pelos artistas, os quais me foram apresentados nas disciplinas que cursei reforcei a busca no sentido do aprimoramento, impulsionando a expectativa de ir muito além de uma segunda formação superior.

Motivada por estas questões, me dediquei a estudar esse universo tão inventivo, repleto de informações, e a descoberta da intencionalidade na produção de trabalhos, e aproveitar a conquista de novas habilidades técnicas que se configuravam a cada dia.

O transcorrer desse processo, nos trabalhos iniciais de desenho e fotografia, experimentei a anatomia humana, e figuras abstratas e finalmente a arquitetura da cidade, mas permanecia a vontade de ir além, somar processos e fundir técnicas, isso aconteceria mais adiante.

Assim, a pintura ressurgiu nesse cenário, sempre me interessou a técnica da aquarela, tão singela, intensa e imprevisível, por sua visualidade tão inebriante, em outro momento a arquitetura das cidades, seus prédios e casas antigas, queria unir as duas coisas em um trabalho, e foi assim que aconteceu, nesse trabalho final.

E posteriormente, durante os ateliês de pintura e fotografia, retomei o uso de imagens, criando novos cenários, a partir da interferência digital com cores em fotografias em preto e branco de São Paulo/ SP e de Uberlândia/MG - Brasil.

Antes mesmo de frequentar o curso, registrava os lugares por onde passava, buscando algo para guardar a lembrança do que vivia. Esses detalhes me proporcionavam um momento de observação, e de registro visual, o que ajudou na escolha de realização dessa pesquisa.

As referências de época estão presentes na apresentação de alguns trabalhos que realizei nas disciplinas do curso, norteadas pelas informações adquiridas na vida acadêmica e associadas a uma atitude de preservação da memória visual dos espaços onde gosto de estar, é que retomo a todo o momento a inclusão desse assunto em minhas representações.

Permeando um universo de formas e cores, as minhas tentativas sempre estiveram unidas em dois pontos de interesse, a pintura e a fotografia, linguagens visuais presentes na maioria dos meus trabalhos. Por isso há tanto ainda para desvendar nesse processo de aprendizado criativo, o que creio me permitirá mais adiante dedicar-me com mais afinco a outros trabalhos.

E quantas são as possibilidades existentes nos entremeios das descobertas. Durante esse trajeto pelo meio expressivo deixei-me envolver, e me submeti a verificar certos apontamentos sobre a qualidade e precisão da imagem, tentando encontrar uma resposta ao que me intriga nessa escolha recorrente por registrar lugares.

Eu precisava entender o que me atraía nessas questões, pesquisei sobre memórias em imagens, profissionais que atuavam nessa direção, e com qual olhar esses relacionavam o cotidiano das cidades e as suas peculiaridades.

E aos poucos fui compreendendo que manter vivas nossas lembranças, é muito mais do que um registro formal do tempo, na verdade constitui a identidade de um lugar, importante na nossa história, seja esta pessoal ou coletiva.

As imagens apresentadas em meus trabalhos convivem com a mistura de técnicas da pintura e da fotografia que desejo aprimorar, pois quando temos a real dimensão daquilo que nos afeta, começamos a entender a nossa trajetória.

Os “diários” começaram a fazer parte da minha vida depois de fazer um curso na Oficina Cultural de Uberlândia e na oportunidade, o professor de desenho era o propositor<sup>1</sup>. O curso era em formato de oficina oferecido ao público em geral, e os alunos daquele semestre foram convidados a participar.

Nesse curso foram apresentados diversos exemplares de livro de artista, e para encerrar o curso aprendemos a fazer a costura copta, a diagramação dos fólhos, e um caderno deveria ter folhas e capa escolhidas pelo aluno.

Um ano após fui até São Paulo para me aprimorar na técnica de encadernação. Assim, os “diários” passaram a ser uma atividade constante na minha vida, produzi vários modelos para os mais diversos fins. Para esse momento da pesquisa de final do curso de graduação em Artes Visuais, construo uma série de 13 “diários” que dizem sobre o tempo e minhas memórias visuais.

---

<sup>1</sup> Paulo Faria, Professor Substituto da disciplina Desenho do Curso de Artes Visuais na Universidade Federal de Uberlândia (2011-2012).

Meu trabalho configurar-se-á em três momentos, para que todas as informações e indagações pessoais sejam elucidadas. Relaciono artistas, obras, desenvolvimentos de procedimentos, e como me comporto diante da escolha que fiz para representar as imagens e o fazer manual.

No primeiro momento que se intitula de “Tempo”, apresento a teoria de Henry Bergson que desvenda o seu significado, não irei aprofundar todas as questões inerentes a sua teoria, para esse momento falarei sobre as referências de passado, presente e futuro.

No segundo momento dissertarei sobre a memória, enquanto ponto de partida para relacionar lembrança e memória, sua importância para a manutenção de minha história pessoal e da relação com a história coletiva.

Investigo essas questões a partir de um hábito recorrente em recordar as situações que já vivi, através de imagens e da intenção em manter um registro das representações dos lugares que visito e finalmente poder acessar quando eu achar importante.

E na somatória desses três citados momentos é que encontro subsídios para construir essa série de diários com as reminiscências de minhas memórias.

## **O TEMPO**

*“Por seres tão inventivo  
E pareceres contínuo  
Tempo, Tempo, Tempo, Tempo  
És um dos deuses mais lindos  
Tempo, Tempo, Tempo, Tempo (Caetano  
Veloso)”.*

## 1. O TEMPO

A importância de refletir sobre “o tempo” nessa pesquisa deve-se ao fato dele vir permeado de memórias, criei por meio de imagens pintadas, e colagem de fotografias uma série apresentada em forma de páginas de diários, que remetem de forma de direta ou indireta sobre a passagem do tempo em minha vida.

Produzi uma série de 13 diários com imagens da cidade de Uberlândia /MG e São Paulo/SP, páginas pintadas em aguadas abstratas associam fotografias, símbolos tipográficos, mapas, além da costura manual com linha e cordão tingidos.

O tempo é uma sucessão de acontecimentos que são interligados, cada dia que eu vivo cria momentos, e esse momento se transformará em experiência, física ou psíquica. Existe um diálogo constante entre presente e o passado, moldando a conduta a ser seguida no futuro.

Não é possível separar o presente do passado, pois esses convivem em consonância, se me dou conta do momento vivido há uns instantes ele já será passado. Os acontecimentos se dão de maneira simultânea, e promovem a possibilidade de reconhecimento do antes e do depois.

Existe a continuidade de processos, estes não acontecem de contorno igual, pois diante de situação semelhante a que já convivi, poderei adotar outro comportamento através da experiência adquirida e assim, senti-la com mais ou menos intensidade.

Através da criação de um novo olhar sobre as coisas, eu terei outra atitude de enxergar a mesma situação, pois o momento já não será igual ao anterior, seja pelo aprendizado ou pela competência das minhas ações adquiridas na vida.

Para que eu possa me situar em face aos acontecimentos da temporalidade é necessário que exista um meio pelo qual eu tenha referências sobre o mundo. Havendo uma preservação de minha trajetória, a memória se encarrega de nortear os fatos pessoais e organizados na medida de torna-los disponíveis quando solicitados.

A manutenção das minhas relações entre o que vivo e o que vivi, abre espaço para a ação contínua da memória, por ela tenho a real noção da atribuição que mais lhe confere valor, a permanência de momentos, de imagens geradas por tudo aquilo que perpassa o meu ser.

O tempo se encarrega de produzir séries de histórias que se entrelaçam a percepção então se torna algo essencial, percebo com o meu interior o que estou vivenciando e assim me percebo no mundo, como um agente criador de novas páginas da existência.

A minha pesquisa tem aspectos inerentes ao tempo, relaciono a concepção de tempo tendo em vista o pensamento de filósofo Henry Bergson, que foi citado no trabalho de (Coelho, 2004):

A duração anterior é a vida contínua de memória que prolonga o passado no presente, seja porque o presente encerra distintamente a imagem incessantemente crescente do passado, seja, mais ainda, porque testemunha a carga sempre mais pesada que arrastamos atrás de nós à medida que envelhecemos. Sem essa sobrevivência ao passado no presente, não haveria duração, mas somente instantaneidade' (BERGSON, 1993b, p.200) *apud* (COELHO, 2004, p. 241).

Tocada por outros tantos instantes e já não terei uma mesma visão de antes. Se pararmos para pensar o que o ocorre no cotidiano é que nos convencionados a fazer as coisas por repetição e maneira superficial.

Para que eu possa perceber as transformações que se estabelecem preciso então lançar mão de um dispositivo que me situe nesse universo de contínua mudança, Bergson (1993) estabelece que a sucessão contínua de mudanças heterogêneas seja memória.

De maneira geral, o autor relaciona a memória assim: a primeira é caracterizada pelo cotidiano, como as funções ligadas às atividades de vida diária a do hábito, que são aprendidos pela repetição, se torna inconsciente.

O que é apreendido não será esquecido, pela quantidade de vezes que repetimos todo o processo, havendo um condicionamento das ações, sem caráter de mudança, se mantém a mesma ação para alcançar um mesmo fim.

A segunda é a memória por imagens e se dá pela consciência que temos daquilo que ocorreu e o que fica guardado em nosso inconsciente, ocorrendo à ação do passado retido no presente, então, o instante passa ser permanente, acessando o acontecimento anterior no presente.

O que se pode verificar que na passagem do tempo é, o que nos move e nos mantém vivos, é a permanência dos acontecimentos já ocorridos, os quais se fazem presentes e pelos quais podemos nos nortear no mundo.

A sucessão de instantes se tornam marcas, e havendo marcas estes não se repetiram a mesma maneira, pela ação da memória. Se ela não existisse, tudo que nos acontece seria algo novo todos os dias e não teríamos a real noção de qualquer aspecto de maneira consciente. E com isso não teríamos registrada a nossa história.

A construção de “diários” é uma maneira de relacionar o tempo, a memória e as lembranças, neles atribuo valor ao que me interessa, construindo um momento de posicionamento em minha história pessoal.

A minha pesquisa tem em sua essência cores que falam de paisagens, as referências que carrego comigo, são a representação simbólica de sensações, de situações de descoberta e assimilação de conhecimento.

Em cada página as imagens dizem da associação do prazer em participar do universo da arte, das constatações que se estabeleceram a partir daquele momento único, a percepção das experiências anteriores repletas de significado, diante disso me apoio na leitura da teoria do filósofo:

A percepção consciente da temporalidade é possível graças à memória. Se a consciência fosse possível sem a memória, o que não é o caso viveria num eterno presente sem as ideias de antes e depois, sucessão, continuação e mudança. É a memória que nos permite estabelecer relação entre as vivências presentes e as anteriores, religar os instantes um ao outro (BERGSON, 1993b, p.200) *apud* (COELHO, 2004, p. 242).

Sem o recurso da lembrança não poderia entender a sucessão dos fatos e, por conseguinte não teria a real noção do tempo na minha vida, vivendo de acontecimentos que não teriam significados, pois não estariam ligados a nenhum fato anterior.

A importância de nos relacionarmos com experiências anteriores é na verdade o que nos mantém em correspondência com o mundo, vivenciando isso em nosso corpo, propiciando a internalização da sucessão dos fatos aos quais sou submetida, assim segundo Bergson (1993):

É a partir da temporalidade interior que atribuímos temporalidade aos eventos externos. Isso porque a cada momento de nossa vida interior podemos estabelecer correspondência com um momento de nosso corpo e de toda a matéria circundante simultânea e, graças à memória, estabelecer essa mesma correspondência em relação aos eventos anteriores (BERGSON, 1993b, p.200) *apud* (COELHO, 2004, p.244).

Enfim, a nossa percepção, a nossa relação psicológica com o mundo, a relação com o tempo e como ele se desenrola, estão intercalados pela condição do acesso aos fatos anteriores, das minhas experiências vividas e pela atenção que dispenso no exato momento vivido.

Após as reflexões ponderadas acima, percebo que o tempo está diretamente ligado à memória. Nos trabalhos realizados nos diários, que me guiei principalmente por esses pensamentos, antes mesmo de ter a ideia à compreensão exata da teoria que exposta e na qual encontro fundamentação teórica.

## **MEMÓRIAS**

*“A memória torna as experiências inteligíveis, conferindo-lhes significados. Ao trazer o passado até o presente, recria o passado, ao mesmo tempo em que o projeta no futuro; graças a essa capacidade da memória de transitar livremente entre os diversos tempos, é que o passado se torna verdadeiramente passado, e o futuro, futuro (Janáína Amado).”*

## 2. MEMÓRIAS

A partir da análise do tempo de Bergson, de como estamos inseridos no contexto de experiências sucessivas e contínuas, gostaria de me deter nas questões relacionadas à memória.

Para o filósofo Bergson, a memória é um fenômeno que responde pela reelaboração do passado no presente:

“Ela prolonga o passado no presente” (BERGSON, 2006, p.247 *apud* GUIMARAES, REZENDE, BRITO, 2012), e “é do presente que parte o apelo ao qual a lembrança responde, e é dos elementos sensório-motores da ação presente que a lembrança retira o calor que lhe confere vida” (BERGSON, 2006, p.179 *apud* GUIMARAES, REZENDE, BRITO, 2012). Para este estudioso, a lembrança é “a representação de um objeto ausente” (BERGSON, 1999, p.80; p.275 *apud* GUIMARAES, REZENDE, BRITO, 2012).

Na reflexão sobre o tempo o filósofo define a existência das memórias, a do hábito que cria uma série de mecanismos corporais, que não conserva imagens, mas prolonga a sua ação útil, e a das imagens a que registra as imagens-lembranças. Torna-se oportuno citar o livro *Memórias e Sociedade*, Lembranças de velhos Ecléa Bossi escreve:

A memória hábito adquire-se pelo esforço da atenção e pela repetição de gestos e palavras, ela é um processo que se dá pelas exigências da socialização. Trata-se de um exercício que, retomado até a fixação, transforma-se em um hábito, em um serviço para a vida cotidiana. Graças à memória hábito, sabemos de “cor” os movimentos que exigem, por exemplo, o comer segundo as regras de etiqueta, o escrever, o falar uma língua estrangeira. (BOSI, 2016, p.49).

A autora segue dizendo “no outro extremo, a lembrança pura, quando se atualiza na imagem-lembrança, traz à tona da consciência um momento único, singular, não repetido, irreversível da vida” (BOSI, 2016, p.49).

O momento singular da imagem-lembrança não é de caráter mecânico, a evocação se faz de maneira pessoal, em seu tempo retoma as suas lembranças de forma própria, este tem uma data, é irreversível.

Mantemos o hábito de guardar fotos, roupas, pois nesses objetos existe um significado, o de valor pessoal do que foi vivido, rememorar o instante único, é isso que mantém viva a minha relação com o passado.

Em Memórias de Velhos, (BOSI, 2016, p.49) conclui que, importa deter o fundamento central da memória enquanto continuação do passado, este resiste, seja mantido pelo presente sob o viés da lembrança, seja em si mesmo de forma inconsciente.

Para a minha pesquisa interessa a memória ligada às imagens, é essa ligada ao significado retendo informações dos acontecimentos anteriores, relacionando com os atuais acontecendo de acordo com a minha vontade.

***OS DIÁRIOS: COMPOSIÇÕES POÉTICAS***

### 3. OS DIÁRIOS: COMPOSIÇÕES POÉTICAS

Em 2012, fiz uma oficina de livro de artista, ministrada na Oficina Cultural de Uberlândia, desde então me dedico a fazer diários, esses são destinados a anotações e álbuns fotográficos.

A opção por torná-los suporte do meu trabalho, surgiu da ideia que o caderno me remete, a de manter um arquivo pessoal, ser o portador de histórias, e de imagens, do poder de surpresa, pois eu preciso virar a página para ver o que ela contém.

Então, quis que o meu pensamento se transformasse em imagens delicadas, coloridas, sobrepostas por camadas de tinta e textura, usando o papel para deixar o pincel deslizar, é ali onde eu falo de imaginação e memórias.

Durante esse processo de escolha, busquei informações sobre outros tipos de encadernações, principalmente aquelas que privilegiassem a visualidade e facilidade do manuseio, já que eram especificamente para esse fim.

Decidi então pela encadernação tradicional para alguns exemplares, com a costura copta, e a francesa, em outros a encadernação concertina, e finalmente a encadernação *flag*.

Essas diferenças criam uma visualidade ímpar, deixando aflorar a experiência criativa, a sensação de liberdade de movimentos, alimentando a minha alma com inspiração.

Explorar o espaço, a cor, a textura, e misturar tudo, e encontrar outra camada, transformando de maneira flexível o que existe dentro de mim que, refletindo sobre os processos e a vida interior.

Na maioria dos exemplares a pintura em aguada é base de todas as páginas, outras vezes sobrepondo a fotografia colada sobre o papel, acompanhada por escrita manual. Encontrando nas formas e nas cores associações com a memória.

Colei em páginas pintadas, fragmentos de histórias deslocadas do seu contexto original, alterando cores, e a sua forma, não queria algo que fosse já estabelecido, por essa razão, sustentei a condição da experimentação, do acaso, mas com um tom de cuidado no fazer.

O meu trabalho está ligado a uma ação contemplativa, são camadas sutis de tinta e papel que produz significados, gestos de interferência, tal o tempo e as lembranças interferem no presente com a ação inegável do passado com as suas marcas.

Um processo intuitivo, cheio de descobertas inesperadas, e cada página é o resultado de um momento único, ligado ao tempo, onde os elementos mantêm um diálogo entre cores, a costura, as colagens, e fotografia.

Pensei sobre combinação das camadas de cores e a possibilidade de modifica-las depois, o que ocorre sobre o papel certamente conta sobre o que está acontecendo comigo, contém marcas muito intimistas.

Entender a arte como parte integrante da vida, atribuir sensibilidade à força que ela tem e usá-la coerentemente no espaço acadêmico, levando em conta referências tão importantes que assimilei na graduação.

Quando penso em referências, confesso que, em meu trabalho não quis me direcionar a outro artista, mas entendo que esse tipo de trabalho já foi desenvolvido por vários outros artistas de tempos e espaços distintos, não sendo uma ideia original, permito relacionar minhas imagens com a estética de movimentos artísticos, ligados a Arte Contemporânea com o movimento *Fluxus*<sup>2</sup>, por exemplo, como os que aconteceram em meados dos anos de 1960-1970.

No entanto se faz necessário que um breve histórico do livro de artista e na arte contemporânea. Para iniciarmos torna-se importante definimos o que é um diário. Segundo o Aurélio, o substantivo masculino “diário” pode ser a relação do que se faz ou sucede em cada dia; o registro dessa relação; ou caderno ou similar em que se registram os acontecimentos diários. Diário: que se realiza ou acontece diariamente (todos os dias), rotina diária. Do latim *diarius*. Caderno utilizado para registrar os acontecimentos de cada dia (na vida de uma pessoa). Diário de viagem.

Na atualidade o “diário” tem outros nomes como *planners*, em sua tradução literal “planejadores” ou simplesmente uma agenda de compromisso, mas o que nos interessa nessa questão é mostrar que registrar fatos é uma atividade comum, a qualquer pessoa, em fazer ou ter um planejamento diário de suas tarefas.

Mas em nosso contexto vale ressaltar que a forma de um caderno ou livro foi e é utilizada como suporte de intervenção por diversos artistas, assim vamos direcionar o nosso foco para tais projetos e em que movimentos artísticos eles aparecem como meio expressivo.

---

<sup>2</sup> Menos que um estilo, um conjunto de procedimentos, um grupo específico ou uma coleção de objetos, o movimento *fluxus* traduz uma atitude diante do mundo, do fazer artístico e da cultura que se manifesta nas mais diversas formas de arte: música, dança, teatro, artes visuais, poesia, vídeo, fotografia e outras. Seu nascimento oficial está ligado ao Festival Internacional de Música Nova, em Wiesbaden, Alemanha, em 1962, e a George Maciunas (1931-1978), artista lituano radicado nos Estados Unidos, que batiza o movimento com uma palavra de origem latina, *fluxu*, que significa fluxo, movimento, escoamento. O termo, originalmente criado para dar título a uma publicação de arte de vanguarda, passa a caracterizar uma série de performances organizadas por Maciunas na Europa, entre 1961 e 1963.

### **3.1 Memória, arte e fotografia.**

Lembro-me com nitidez em minha infância de manipular uma câmera antiga, não me recordo exatamente o seu modelo, penso que poderia ser um modelo Yashica Mat<sup>®</sup>, mas não tenho a completa certeza, ela estava entre os guardados de meu Pai, já não funcionava, ou pelo menos imaginava que não, porque eu podia manuseá-la. Possuía uma capa impecável de couro, fechada por um botão de pressão, isso por si só já me interessava, tinha em seu interior um revestimento em veludo vermelho.

Sempre me fascinou a possibilidade de pegá-la e ouvir os cliques que produzia, mesmo não imaginando como era realmente o seu funcionamento brincava de ver pelo visor, que era móvel e se levantava para fazer o foco e as suas roldanas laterais eram um elemento à parte, ficava horas brincando com as suas engrenagens e fingia fotografar o que estava em minha frente.

Nos anos que se passaram, a fotografia era algo presente, pois era o registro de viagens da “roça de café” e das festinhas de aniversário, e como era extraordinário naquela época manter isso em papel, já que naquela ocasião as pessoas que mantinham esse tipo de registro podiam compartilhar seus eventos. As pessoas se sentavam para ver álbuns de fotografia, era um momento de encontro, de relembrar tantas histórias.

Não possuíamos muitas imagens, já que era caro comprar e revelar um filme, as fotografias eram feitas para caberem em doze quadros, devidamente coloridos com as técnicas dos anos 1970, era luxo ter um filme com mais poses. Além de ter também imagens produzidas pelos fotógrafos da cidade, que ostentação dizer que a festinha foi registrada pelo fulano de tal do foto da rua tal!

Diante de um “mundo” de poucas imagens era fácil lembrar-se de cada momento ali representado. Viajámos muito e cada lugar tinha seu registro guardado em pequenos álbuns de papel e com suas divisórias de plástico, e eram guardadas em uma

caixa onde eu podia procurar aqueles lugares visitados quando queria. Como já citei tive uma infância repleta de imagens que repercutiram durante a minha vida até agora.

Assim para as questões inerentes ao meu trabalho faz-se necessário esse pequeno relato e cabe aqui expor esses fatos para entender melhor a importância das imagens, que desde cedo já tinham um papel de compor meu pequeno mundo de fantasia infantil, e mais tarde com a releitura, associada ao tema lembranças atualizou as que se fizeram presentes nas pinturas e imagens de meus diários.

Essas recordações tocaram não somente histórias pessoais, como também a mistura dos relatos de outras pessoas, das sensações que vivi nos lugares, dos cheiros, mesclando passado e presente, e que de maneira singular foram retomadas nesse momento de escrita e contam além das experiências vividas, o que ficou como base para pensar minha forma de expressar visualmente, juntando os pedaços de cada lugar, de cada momento, para enfim contar sobre tempo e memória.

Em seu artigo sobre Fotografia, Memória e Arte (GONÇALVES, 2011) a autora expõe sobre esses pontos relevantes que abordo. Nesse artigo ela revela autores escolhidos para pautar a sua escrita, e dentre eles Bergson, para fundamentar o assunto sobre a memória e a imagem, para também contar sobre o trabalho de Geraldo de Barros artista brasileiro, neste caso específico, usou da manipulação da imagem fotográfica em dois de seus projetos Fotogramas de 1950 e Sobras de 1998.

O que gostaria de salientar nesse ponto é na verdade como se dá a o encontro entre percepção e memória e como isso nos é dado a partir de imagens produzidas pela fotografia, tema do meu estudo para o desenvolvimento dos “diários”.

De maneira a orientar o assunto que mescla tempo, memória, lembranças, pontos de partida para uma narrativa visual, assim escreve “imagem-lembrança, serve de ponto de partida para outras histórias; reconstruindo ou recriando uma memória feita de lembranças que se fazem e refazem permanentemente na imagem.” (GONÇALVES, 2011, p.87). Os diários possuem dentro de

suas páginas a intenção de provocar a curiosidade para que se construam novas histórias a partir de contato que o espectador terá ao visualizar as imagens ali contidas.

A recriação dos momentos vividos nas imagens autorais se renova a todo o momento em que são acessadas e têm a pretensão de promover a mesma ação no espectador que as procura, e se encontra nos lugares representados. O passado retomado, pela imagem ali representada e vai além do das evidências do documento, imagem-registro (GONÇALVES, 2011, p.87).

Como espectadora do meu passado, sou por ele guiada e atualizada na leitura e as suas múltiplas possibilidades, neste caso me refiro a BERGSON. Gerando novas perspectivas de abordagens de pensamento, temos a relação entre a memória e a percepção; “a memória aqui a ser pensada é a que faz de si própria processo que, através da lembrança, contamina o olhar do presente e é pelo presente contaminado” (GONÇALVES, 2011, p.87).

A ideia de colocar em páginas como de um álbum, e associar a pintura e a fotografia me fez pensar sobre as imagens que iam se formando conforme eu pensava sobre o assunto, a cor do céu, do mar e das fachadas dos prédios, e na intervenção pretendida na execução do trabalho. Essas cores assumiram um papel de pano de fundo para as imagens que eu produzia em minhas viagens para São Paulo/ SP e das minhas caminhadas pela cidade de Uberlândia/MG.

Nesse tipo de apresentação busquei transformar as imagens em objeto artístico, na transformação da matéria em poesia visual e principalmente as relações que se acomodam entre fotografia e memória. Como no trabalho de Geraldo de Barros, citado no artigo, a reflexão acontece quando me encontro como a pessoa que produz a imagem e as modifica no sentido de agregar outros elementos plásticos, na atualização de minhas lembranças para obtenção de um resultado final. “Tal procedimento ajudará no entendimento das relações, ambíguas, entre criação e interpretação e o papel da memória nesses dois momentos.” (GONÇALVES, 2011, p.89).

Quando me coloco na condição de relembrar, me disponho a pensar sobre os sentimentos que fluem nesse processo de reconhecer as sensações que emergem da experiência de reviver os fatos passados. Assim como Santo Agostinho se refere sobre as lembranças dos sentimentos:

Essa mesma memória conserva também os afetos da alma, não do modo como os sente a alma quando da vivencia, mas de modo muito diverso, segundo o exige a força da memória. Lembro-me de ter estado alegre, ainda que não o esteja agora; recordo minha tristeza passada, sem estar triste; lembro-me de ter sentido medo, sem senti-lo de novo; lembro-me de antigo desejo, sem que o mesmo sinta agora. Outras vezes, pelo contrário, lembro-me com alegria a tristeza passada, e com tristeza uma alegria passada. Isto nada tem para admirar quando se trata de emoções corporais, porque uma coisa é a alma e outra o corpo; e assim não é maravilha que me lembre com alegria de um sofrimento físico já passado (AGOSTINHO, 2010, p.10).

Além é claro da posição que me coloco como agente da modificação do uso da fotografia como elemento de recordação, penso sobre as relações entre essa linguagem visual e as possibilidades de modificação que realizei, como a colagens e colorização de imagens em preto e branco, prática já utilizada pelo artista visual, “abre-se caminho para outras práticas que, aderem ao discurso do múltiplo, do híbrido potencializando a outra parte da imagem fotográfica, aquela que não se esgota na referência” (GONÇALVES, 2011, p.91).

Partindo do ponto da arte-fotografia, uma forma de expressão que remete a artistas visuais, modifica uma de suas características, a documental e elege a transformação como meio para a intervenção que se estabelece com a alteração da imagem inicial, “na qual a imagem fotográfica descolada do papel de documento do mundo adquire a função de matéria para a arte” (ROUILLÉ, 1999 *apud* GONÇALVES, 2011, p.91).

Com os elementos de visualidade e de memória já descritos era necessário eu pensar sobre as relações que se fundam entre os dois pontos de estudo, me levaram a pensar sobre qual o ponto de pode gerir a criação das imagens, penso então sobre a

percepção, em como a mesma se faz presente no momento da captação da imagem, como ela se estabelece e fornece os pontos de interesse que estarão representados.

Conforme as nossas referências já citadas, “O ponto de partida para pensar as relações entre fotografia e memória tem como foco os movimentos que levam à captação da imagem pelo fotógrafo. É a percepção do fotógrafo guiada pela memória acumulada de toda uma vida que se fará presente na imagem” (BERGSON, 2010 *apud* GONÇALVES, 2011, p.91) É essa percepção que move minha pesquisa e está presente em todas as páginas, nelas represento minhas memórias na produção que me propus realizar no decurso do meu trabalho, deste modo:

Nesse jogo entre memória e percepção, o passado contamina o presente e é por ele contaminado. Embora possuam temporalidades diferentes, os processos perceptivos, em termos bergsonianos, parecem ser semelhantes para operador e espectador porque ambos estão, perceptivamente, embebidos pelo manto da memória através de suas lembranças. Explicita-se então como se dá esse processo, essa fina relação entre a fotografia e a memória: tudo se inicia com Bergson (2010) e sua descrição dos mecanismos da percepção e da memória (GONÇALVES, 2011, p.92).

A temporalidade então é situada pela junção dos vários momentos que permeiam nossa vida, entre os encontros alcançados pela recordação, perante as imagens estas fazem de maneira mais intensa. Conforme, (GONÇALVES, 2011) “a percepção de algo se dá a partir de uma atenção, de um “saber” que a antecede localizado na memória e resgatado como uma imagem-lembrança que vai dirigir a atenção e se mesclar ao objeto dado à percepção”.

O objeto explorado na pesquisa é a fotografia de eventos cotidianos promovem um novo circuito de imagens que em um futuro próximo serão acessadas para o fim de retomar, tanto as sensações vividas, como a ação do tempo sobre os acontecimentos de nossa existência, rememorando elaboro melhor o jogo do lembrar e do esquecer. Assim:

É ainda da memória que tiro a distinção entre as quatro emoções da alma: o desejo, a alegria, o medo e a tristeza. Assim, todo raciocínio que eu teça, dividindo cada uma delas nas espécies de seus gêneros, definindo-as, é na memória que encontro o que tenho a dizer, e de lá tiro tudo o que digo. Contudo, ao recordar essas emoções, não me perturbo com nenhuma delas. E antes mesmo que eu as recordasse para discuti-las, elas ali estavam, e por isso puderam ser tiradas da memória mediante a lembrança. Talvez a lembrança tire da memória essas emoções como o ato de ruminar tira do estômago os alimentos (AGOSTINHO, 2010, p.5).

Devo considerar então que ao lançar mão de alguns mecanismos que remetem as questões das lembranças, além dos “diários” propriamente já referidos, existe outra maneira de também suscitar essa estrutura, considerando a forma de manutenção da vida em seu todo, pois é de nossas experiências partem o nosso saber, o nosso comportamento.

Manter um álbum de imagens é na verdade a preservação explícita de sentimentos as quais queremos guardar por um tempo indefinido. Esse registro deve manter-se a disposição para ser retomado quando for necessário. Em minha pesquisa relaciono as imagens das cidades que estão diretamente ligadas a meu momento atual, e por essa razão o desenho de suas ruas são na verdade uma parte da história recente, permeada pela ação do passado próximo e porque não constituindo aspectos de direcionamento para o meu futuro.

Dessa maneira, elaborado a partir de fragmentos, tentando construir um mosaico da cidade consoante um imaginário específico, o álbum de vistas urbanas tenta alcançar uma continuidade fictícia. Essa continuidade, por seu turno, ganha sentido ao recorrer-se à construção narrativa e ao ter como lócus privilegiado de tessitura o espaço urbano, elemento visual preponderante na imagem fotográfica. Assim, conforme Jacques Aumont tem-se a partir da imagem dois níveis de narratividade: aquele que se inscreve na imagem única, processo codificado em uma cena, e aquele que se situa na ordenação sequencial das imagens fotográficas no interior do álbum fotográfico (POSSAMAI, 2007, p.6).

Os álbuns/diários nessa série apresentada podem ser lidos visualmente dessas duas maneiras, em uma imagem única, ou em uma sequência. Em cada uma das imagens é possível constituir uma narrativa particular, pode-se buscar múltiplos andamentos e relacionar a outros tempos, a tantos outros conhecimentos, como os pautados ao cunho pessoal ou a coletividade, conhecer outras impressões advindas de um conhecimento prévio que se soma ao que vai se desenvolver a partir de uma nova visualização.

O que posso dizer do esquecimento? É dele que parte a minha vontade guardar os momentos que vivi? Ou ele se faz presente para que eu me lembre de tudo o que não quero perder? São questões interessantes sobre o ponto de vista que fomos aquilo que vivemos. Então é a partir do recurso da memória que também acesso o esquecimento.

Poderei eu afirmar que minha memória retém a imagem do esquecimento, e não o esquecimento em si, quando dele me lembro? Com que fundamento, pois, poderei dizê-lo, se para que se grave na memória a imagem de um objeto, é necessário que este esteja presente antes, de onde emana a imagem a ser gravada? É assim que me lembro de Cartago, e assim de todos os outros lugares por que passei; assim me lembro do rosto dos homens que vi e das coisas que meus sentidos me deram a conhecer; assim me lembro ainda da dor física, coisas cujas imagens a memória fixou quando estavam presentes, para que eu as pudesse contemplar e repassar em espírito, quando eu as evocasse na sua ausência. Se, pois, é a imagem do esquecimento que está na memória, e não ele mesmo, é evidente que nalgum momento esteve presente para que sua imagem fosse fixada. Mas, se estava presente, como podia gravar na memória sua imagem, se o esquecimento apaga com sua presença tudo o que lá está impresso? Contudo, seja qual for o mecanismo desse fenômeno, e por mais incompreensível e inexplicável que seja, estou certo de que me lembro do esquecimento, que apaga da memória, todas as nossas lembranças (AGOSTINHO, 2010, p.8).

Para que tudo não se esvaia de maneira a não colaborar com a minha retomada aos acontecimentos anteriores, é importante pensar sobre a atuação da memória mesmo no esquecimento, pois posso me lembrar de se impressões que conheci sem essencialmente vive-las outras vez, pois estão fixadas na memória e dela tenho somente a recordação, não estão mais presentes fisicamente, mas estão inseridas no contexto de noção prévia do conhecimento anterior da vivência.

### **3.2 Livros de artista no contexto da arte contemporânea:**

No decorrer do meu processo de criação, e nos diários que fiz, faço alusão ao livro de artista, aqui referenciados por bibliografia específica. Silveira (2008, p.36), em sua obra “Definições e indefinições sobre o livro de artista”, faz um levantamento bibliográfico sobre as origens do livro de artista na contemporaneidade, para esse fim, cita autores que escreveram sobre o assunto. Uma dessas autoras é Johanna Drucker, artista e escritora, *The century of artists' books (O século dos livros de artistas)*, de 1995, criadora de livros de artista e professora universitária nos Estados Unidos, (Drucker, 1995) considera temerário o clichê de outros comentaristas de estabelecer arbitrariamente um marco de origem do livro de artista. Referindo-se ao trabalho de Edward Ruscha, *Twentysix Gasoline Estations*, 1962, pois, para ela existem fortes precedentes do futurismo russo ao surrealismo, indo até as vanguardas norte- americanas. E vai além dizendo que o livro de artista precisa ser compreendido como uma forma “altamente mutável”, não devendo balizar um julgamento a partir de critérios formais simples e reducionistas, (SILVEIRA, 2008, p.37).

Além da autora já citada (SILVEIRA, 2008, p.39), refere-se à Anne Moeglin-Delcroix, francesa, professora da Sorbonne, trabalhando com curadoria e coleções de livros de artistas no Cabinet d'Estampes na Biblioteca Nacional em Paris. Seu livro *Esthétique du livre d'artiste: 1960/1980 (Estética do livro de artista: 1960-1980)*. Segundo, Anne Moeglin-Delcroix:

Elege como data de seu nascimento (livro de artista no sentido estrito) os anos 60, em um fenômeno conjunto aos movimentos de vanguarda, através de dois canais simultâneos, um europeu, e o outro norte-americano. Pela Europa, Dieter Roth, com o trabalho desenvolvido a partir de 1961, com especial destaque para as versões de Daily Mirror até os anos 70; pelos Estados Unidos, Edward Ruscha, em 1962, com a publicação de Twentysix gasoline stations. Esses dois artistas apontariam as direções principais que a atividade seguiria, com grande desenvolvimento nos anos 70: a primeira, de espírito neodadaísta, de exploração multiforme; a segunda, de espírito conceitual, de rigor sistemático. Por minha conta, acrescentaria que essas correntes já existiam historicamente, tendo de um lado o livro de corte dadá surrealista e, de outro, o livro de concepção diagramático-construtiva. Entre essas correntes, em muitos momentos interpenetrando-as ou com elas se confundindo, o livro futurista (SILVEIRA, 2008, p.40).

Falta-nos então uma referência sobre a produção de livros de artista no Brasil na década de 1960 e 1970. Segundo Silveira 2008:

No Brasil encontrei apenas um texto, da exata extensão de um parágrafo, sobre o livro de artista brasileiro, de Walter Zanini, em História geral da arte no Brasil. É tão curto que pode ser transcrito integralmente. Uma especificação a se fazer em relação ao trabalho conceitual é a dos livros-de-artista e cadernos-de-artista. Os poetas se anteciparam aos seus colegas das artes plásticas ao encarar o livro como forma de arte. Entre estes, acham-se os pioneiros Lygia Pape, com o Livro da Criação (1958) e Dillon Filho, que em 1960 produziu livros-poemas. Mais tarde também Raimundo Colares credenciou-se com trabalhos nesse sentido. Em 1968, Júlio Pacello editou em São Paulo o Livro-Objeto de Júlio Plaza. Nos anos 70 e início desta década, mormente em São Paulo, proliferaram as publicações de artistas, juntamente com as de poetas aparecendo, entre outras, as de Júlio Plaza, já citado a esse respeito (por vezes em colaboração com Augusto de Campos), Antônio Dias, Regina Silveira, Gabriel Borba Filho, Carmela Gross, Mário Ishikawa, Ivald Granato, Regina Vater, Cláudio Ferlauto, Anna Bella Geiger, Ivens Olinto Machado, Tunga, Vera Barcelos e Flávio Pons, este residente em Amsterdam, entre outros. Uma intimidade estabeleceu-se entre vários deles e os poetas que trabalhavam com a imagem, a exemplo de Edgard Braga (1897), Ronaldo Azeredo (1937), Hermann Villari (1943) e Omar Khouri (1948) (SILVEIRA, 2008, p.57).

Depois desse breve levantamento bibliográfico específico, o qual nos direciona para a compreensão do uso do livro na arte contemporânea; pretendo a partir desse ponto indicar as referências visuais que de alguma maneira me influenciaram na escolha do suporte e nas confecções dos Diários que serão apresentados. Confesso que a minha produção é anterior à leitura e observação de material específico, assim, guardo algumas semelhanças entre formatos de cadernos, e tipo de intervenção realizada.

A escolha da fotografia veio de maneira natural, pois eu dispunha de vários registros da cidade de São Paulo e de Uberlândia, em sua maioria retratavam da arquitetura de prédios antigos, lugares que frequentei durante minha vida, neste caso as cidades de São Paulo/SP e Uberlândia/MG, bem como os procedimentos ligados aos elementos visuais da pintura e da fotografia que constituíram o processo final, da composição de cada página.

Assim, a seguir nesta próxima parte apresento os diários que construí e as referências visuais utilizadas para compor cada uma de suas páginas.

## **DIÁRIO 1: RETRATOS DE UMA CIDADE**

*“Nessa estrada um pé nas nuvens  
outro é noutra lugar. Uma saudade,  
uma viagem onde vai meu coração  
(Flávio Venturini e Murilo Antunes).”*

#### 4. DIÁRIO 1: RETRATOS DE UMA CIDADE

FIGURA 1



FIGURA 2



FIGURA 3



FONTE: ACERVO DA AUTORA

**Figuras 1, 2,3.** - Janice Silveira. Retratos de uma cidade. Diário, 25 X 15, 4 cm, 2018.

Encadernação: concertina formato de álbum. Costura: copta, linha sintética, Páginas: papel Kraft mesclado, Carimbo de arabesco, páginas com colagem de fotos antigas da cidade de São Paulo manipuladas e coloridas digitalmente, sobreposição de imagens de duas ou mais fotos.

Origem das imagens/ fonte: site: [www.saopauloantiga.com.br](http://www.saopauloantiga.com.br).

7 páginas. Capa: revestimento em papel Percalux, Kraft mesclado e papel para aquarela 200g, pintura em aguada, tinta acrílica.

#### 4.1 Poética do Diário: Retratos de uma cidade - fragmentos

É um diário que trago em suas páginas fotografias antigas da cidade de São Paulo no período que abrange de 1900 a 1960. As fotografias são retiradas do *site* São Paulo Antiga, página virtual que conserva um arquivo de imagens de várias décadas. As imagens aqui apresentadas são lugares do centro velho de São Paulo. Cidade pela qual tenho um especial prazer em visitar com certa regularidade, para registrar os lugares que ainda resistem à passagem do tempo.

Dentre os fotógrafos que representaram a cidade de São Paulo, tenho o interesse nos registros de Hildegard Rosenthal<sup>3</sup> e Alice Brill<sup>4</sup>, as quais em sua época revelaram as peculiaridades do cotidiano paulistano.

---

<sup>3</sup> Hildegard Baum Rosenthal (Zurique, Suíça, 1913- São Paulo 1990). Fotógrafa. Em consequência do regime nazista transfere-se para São Paulo, em 1937. Hildegard Rosenthal é considerada a primeira mulher a atuar como fotojornalista no Brasil. Faz parte da geração de fotógrafos europeus que imigram na época da Segunda Guerra Mundial (1939-1945) e, atuando na imprensa local, contribuem para renovar a estética fotográfica dos periódicos nacionais.

<sup>4</sup> Alice Brill Czapski (Colônia, Alemanha, 1920- Itu, SP, 2013). Fotógrafa pintora, gravadora, desenhista. Vem para o Brasil em 1934, fugindo do nazismo. A pedido de Pietro Maria Bardi, então diretor do MASP, Alice Brill realiza, entre 1953 e 1954, importante trabalho fotográfico sobre a cidade de São Paulo. Nessas imagens, a artista revela o espaço urbano e o cotidiano paulistano, como em Movimento na Rua Direita (1953).

O assunto relevante nessas imagens é a arquitetura, tenho um grande fascínio pela dimensão das construções, a razão pela qual foram construídas e seus elementos decorativos, representados em janelas, portais e frontões, é o registro de épocas passadas, onde houve uma intensa influência da estética europeia em nosso país.

## **4.2 Procedimentos**

Optei por essas fotografias pautadas no registro do tempo, para ser o fundamento das modificações. Cada uma delas foi colorida individualmente, fiz um recorte de pequenos fragmentos que foram colados sobre a primeira. As ferramentas empregadas fazem parte do programa Adobe Photoshop CS<sup>®</sup>, amplamente usado para esse fim de manipulação de imagens.

A sobreposição de imagens nesse tipo de abordagem técnica é advinda da prática da arte computacional. Neste caso conserva a primeira imagem como base da alteração, e os fragmentos são recortados, colorizados e redimensionados e posteriormente inseridos em quadrantes previamente escolhidos de maneira a manter uma visualidade adequada.

O procedimento de interferência é feito em camadas, em cada uma delas o método de alteração e depois é aplicado sobre a base, para então ao final obter um resultado de transformação modificando consideravelmente o cenário inicial.

A proposta foi modificar a paisagem, com recortes de situações cotidianas de décadas diferentes, como camadas se depositando sobre as outras em um processo de ajuntamento temporal, reproduzindo diferentes cenas da cidade em um só momento, que neste caso coexistem de modo harmonioso, e este evento imaginário existe somente no arranjo final.

### 4.3 Sobre o suporte para a capa e fólhos

Para o revestimento da capa, foi escolhido o papel Percalux, um tipo de cobertura sintética encontrada nas encadernações tradicionais que mantinham um padrão com poucas variações. As variantes encontradas na confecção das capas eram destinadas a publicações de luxo como livros de veiculação restrita, produzidos em poucos exemplares ou de produção única de cunho artístico, não sendo uma prática comum para álbuns de circulação popular.

No que confere a cor usada nesse diário, tanto na capa como na parte interna do diário, escolhi o tom marrom para o revestimento de capa, e o papel Kraft mesclado. Na capa existe um recorte de papel de aquarela branco com respingos de tinta em amarelo e sépia formando manchas e não existe nenhum tipo de alusão à escrita ou impresso, indicando a supressão de um título.

Para compor as páginas internas escolhi tons terrosos com mesclas mais claras, sugerindo que o papel fora submetido à ação do tempo, a colocação das páginas corresponde a uma costura no sentido do comprimento e as fotos modificadas digitalmente fixadas de maneira centralizada, fazem menção ao tipo de registro encontrado na época.

Para a moldura lateral da figura, utilizei um componente decorativo em forma de arabesco, estes eram feitos à mão com tinta nanquim, depois reproduzido como recurso tipográfico, aplicados em livros e álbuns dos períodos citados e é revisitado para conservar a singularidade do tipo da diagramação feita para destacar o conteúdo tanto na escrita como nas memórias visuais.

Nesse diário registro por meio de imagens de épocas passadas, alguns fragmentos de minha memória, presentes no uso das cores, da recorrência de elementos decorativos, e a diagramação de álbuns que seguramente refletem um passado revisitado.

Cada página contém uma menção clara a momentos de interesse pessoal, apesar de não ter vivido esses períodos, percebo a influência desse conteúdo em diversos projetos, o intuito em atualizar o uso de determinados elementos é na verdade o de preservação histórica.

Tempo, Tempo, Tempo (...).



**FONTE:** ACERVO DA AUTORA

*Janice Silveira. Diário: Retratos de uma cidade.*

## **DIÁRIO 2: LEMBRANÇAS VELADAS**

*“Todo mundo ama um dia,  
Todo mundo chora.  
Um dia a gente chega, no outro vai embora.  
Cada um de nós compõe a sua história,  
Cada ser em si.  
“Carrega o dom de ser capaz, e ser feliz” (Almir  
Sater).”*

## 5. DIÁRIO 2: LEMBRANÇAS VELADAS

FIGURA 4



FIGURA 5



FIGURA 6



**FONTE:** ACERVO DA AUTORA

**Figuras 4, 5, 6.** - Janice Silveira: Lembranças veladas. Diário. 20,4 X 14 cm, 2018.

Encadernação: fechada. Páginas: papel reciclado 75g

Capa: papel para aquarela 200g, amarração com cordão de sisal, aplicação de estêncil com textura acrílica. .

### **5.1 Poética do Diário:**

Neste exemplar existe uma relação ao que pode e não pode ser visto, em seu interior se encerra algo que não está disponível nesse momento. As páginas foram seladas e amarradas para não serem manuseadas.

### **5.2 Procedimentos**

Folhas sem costura em papel reciclado empilham-se em um só fólio<sup>5</sup>. Tais folhas não podem ser acessadas.

Encobertas pela capa que não permite manuseio do seu interior. As páginas desse diário estão sob a guarda do tempo, e não podemos ver o seu conteúdo.

### **5.3 Sobre o suporte para a capa e fólhos**

Para o revestimento da capa foi escolhido papel de aquarela pintado com formas abstratas, e este faz uma capa envolvendo o conteúdo em um fechamento frontal. Foi aplicada textura com estêncil na forma de arabescos, e a amarração foi feita com um cordão rústico de sisal, o qual é transpassado várias vezes sobre a largura e o comprimento e atado com vários nós.

Existe uma referência ao uso, pelo desgaste apresentando em suas bordas o tom mais escuro e respingos nos quadrantes e em suas bordas levemente dobradas.

---

<sup>5</sup> Substantivo masculino. As duas páginas da folha de um livro, de um registro. O número de cada página de um livro. Registro, manuscrito, livro de comércio numerado por folhas e não por páginas. Folha de impressão de quatro páginas, dobrada ao meio.

#### **5.4 Sobre a cor**

No que confere a cor usada nesse exemplar, ela vem somente na capa, em tons de azul, rosa, branco e verde e pequenos pontos em marrom escuro. Essas cores estão em divisões em quadrantes da capa, havendo pontos onde a cor branca sobressai, aparenta uma cobertura de várias camadas de cores.

Algumas de nossas lembranças estão relacionadas a momentos que devem estar contidos na relação da passagem do tempo, essas devem ser guardadas, pois o apego ao tempo vivido já não é mais necessário, denota um ciclo que se encerra e a partir desse ponto devem permanecer somente no passado. Silenciosas...

**DIÁRIO 3: EMBORA EU NÃO TENHA PERCEBIDO**

*“Nada do que foi será  
De novo do jeito que já foi um dia  
Tudo passa, tudo sempre passará  
A vida vem em ondas, como um mar  
Num indo e vindo infinito (Lulu Santos)”*

## 6. DIÁRIO 3: EMBORA EU NÃO TENHA PERCEBIDO...

FIGURA 7



FIGURA 8



FIGURA 9



FIGURA 10



FIGURA 11

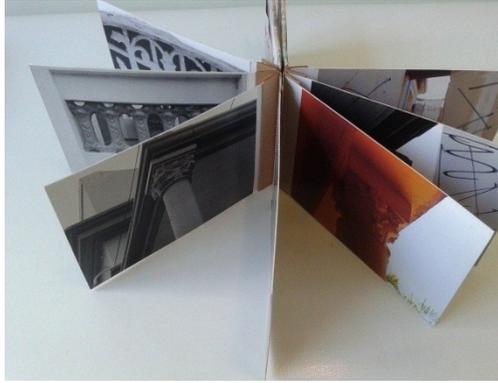


FIGURA 12



FONTE: ACERVO DA AUTORA

**Figuras 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13** - Janice Silveira. *Embora eu não tenha percebido...* Diário. 21,4 X 14, 3 cm, 2018.  
 Encadernação: concertina com papel Kraft 200g, costura livre, linha sintética. Páginas: fotos autorais da cidade de Uberlândia, 7 páginas. Capa: papel para aquarela 200g, pintura acrílica, aplicação textura com estêncil.

### 6.1 Poética do Diário

Neste diário eu faço um questionamento sobre a passagem do tempo, e é representado pelas ruas da cidade de Uberlândia. As imagens observam detalhes descobertos em casas e prédios que foram erguidos entre a década de 1910 e 1950, e continuam com as mesmas peculiaridades da época, como algumas modificações que ainda não interferem significativamente em sua estrutura original.

FIGURA 13



FONTE: ACERVO DA AUTORA

As fotografias feitas no espaço que corresponde entre a Praça Tubal Vilela até o Museu Municipal, e no seu entorno, e onde mais encontro essa paisagem é no bairro chamado Fundinho, onde por meio de uma caminhada rápida, pode-se observar ainda a conservação de algumas edificações, resistindo à demolição, afrontando as modificações impostas pelo olhar progressista e pouco conservador dos que nos governam.

Percebo a presença de algumas características da arquitetura de época retratados em frontões, colunas, portões que refletem um período particular da história da cidade, agregando sentido histórico a essa parte da cidade. Existe ainda um apelo ao

que foi preservado, mas ao longo dos anos observamos que esses mesmos imóveis têm sido submetidos a alterações visuais, as quais tem corrompido sua verdadeira essência.

Em determinados lugares da cidade a demolição foi perversa, além de alterar significativamente o local, levou consigo prédios inteiros de valor fundamental para a pesquisa. Neles havia a representação da arte local, em produção de mosaicos, pinturas dentre outros elementos feitos por artistas que atuavam na cidade. O que se perde não é somente a referência visual histórica, mas a atuação de pessoas que tornaram o ambiente mais aprazível por sua contribuição no sentido artístico.

## **6.2 Procedimentos**

As fotografias foram feitas no espaço que corresponde entre a Praça Tubal Vilela até o Museu Municipal, e no seu entorno, e onde mais encontro essa paisagem é no bairro chamado fundinho, onde por meio de uma caminhada rápida, pode-se observar ainda a conservação de algumas edificações, resistindo à demolição, afrontando as modificações impostas pelo olhar progressista e pouco conservador dos que nos governam.

O registro não tem um padrão peculiar, em algumas delas averigua-se uma falta de ajuste mesmo assim decidi usá-las propositalmente, até mesmo com as correções que seriam imprescindíveis. Em outras eu desejo mostrar que os detalhes que estão fora do alcance do olhar mais contemplativo.

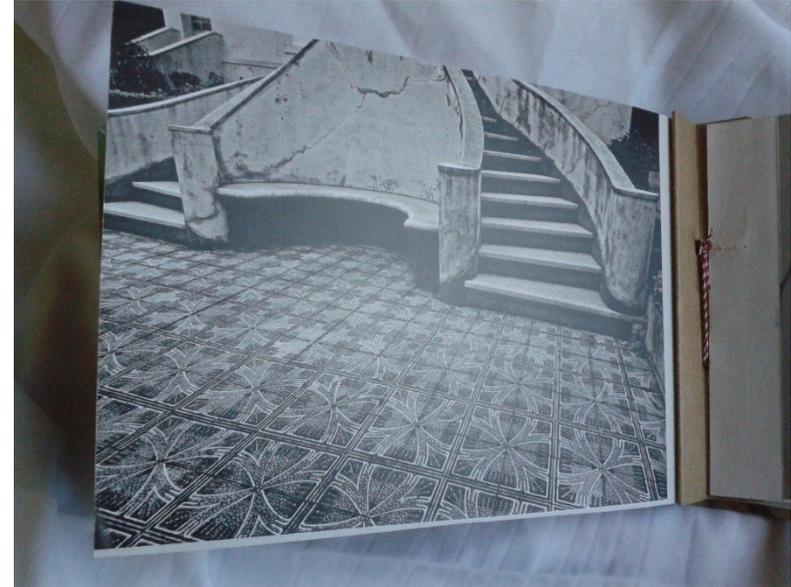
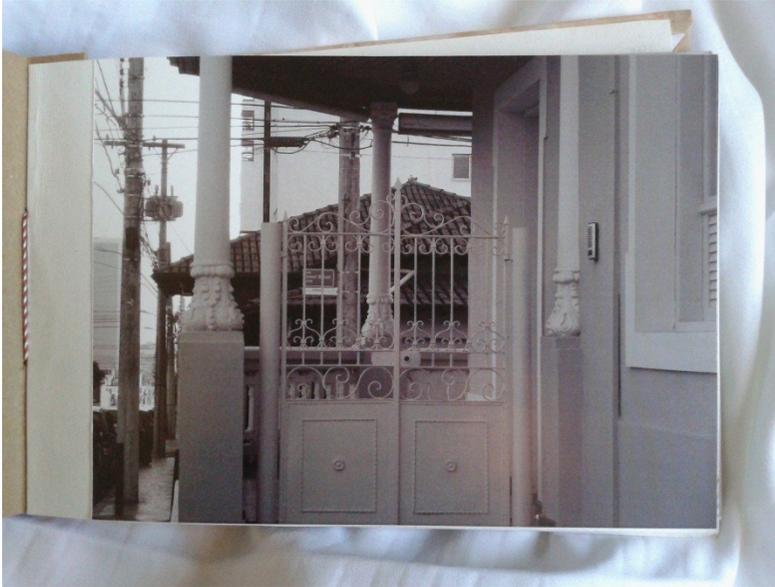
Existem marcas do tempo e do estilo de ver a vida, concebendo os ambientes moldados no cimento, presentes nos frontões, em colunas colocadas nas varandas, testemunham encontros, e nas ferragens portões que conserva o espaço particular e grades que emolduram jardins, elementos comuns que se repetem em várias cidades naturalizado pelo tempo, inerentes as cidades em determinada época.

A preservação dos lugares é uma maneira de perceber que são testemunhas de um período que tinha outro ritmo, quando se podia sentar em varandas para apreciar a vida, e ainda hoje permanecem resistindo e guardando as marcas de um tempo.

### **6.3 Sobre o suporte para a capa e fólhos**

Para construir a capa usei o papel de aquarela pintando especificamente para esse fim, em suas cores expondo o gesto livre e intuitivo. Agrego um retalho em papel pintando com colocação de textura com arabescos e estêncil. Idealizado também em forma de álbum, com costura e encadernação no sentido do comprimento.

As imagens são arranjadas em páginas sem a fixação em papel, sendo a ancoragem feita na base da dobra da lombada, permitindo a sua movimentação. As fotografias foram feitas para a inclusão visual no projeto que intencionava descobrir os detalhes e as particularidades distintas existentes nas fachadas das casas.



**FONTE:** ACERVO DA AUTORA

*Janice Silveira. Diário: Embora eu não tenha percebido...*

#### **DIÁRIO 4: CARTAS QUE ESCREVI**

*“Mande notícias do mundo de lá,  
Diz quem fica,  
Me dê um abraço, venha me apertar,  
Tô chegando (Milton Nascimento & Fernando  
Brant).”*

## 7. DIÁRIO 4: CARTAS QUE ESCREVI

FIGURA 14



FIGURA 15



FIGURA 16



**FONTE: ACERVO DA AUTORA**

**Figuras 14, 15, 16.** - Janice Silveira. *Cartas que escrevi*. Diário: 23 X 11,8 cm, 2018.

*Encadernação: com argolas de metal*

*Páginas: páginas composta por 30 envelopes de papel colorido, 75g, aplicação de carimbo de arabesco.*

*Capa: Revestimento em papel 180g dourado e acetinado, com aplicação com papel de aquarela 200g, estêncil com textura.*

### **7.1 Poética do Diário**

Um diário composto por 30 envelopes de carta coloridos, e a aplicação de carimbo de arabesco, tem a sua lateral rasgada, sugerindo que o seu conteúdo já foi retirado. Hoje percebemos que o seu uso, limita-se a impressos comerciais e contas, abandonou-se quase que por definitivo essa maneira de trocar informações.

Acredito que esse tipo de meio de comunicação mantinha o sentido de espera, e da surpresa, e conservava a escrita manual como prática de expressão. Além de cartas era possível receber cartões diversos, de felicitações, postais de viagens e pequenas lembranças.

### **7.2 Procedimentos**

Para compor esse exemplar utilizei envelopes coloridos de papel nas cores azul, rosa e bege, em 75g, que foram presos por argolas de metal no sentido do comprimento, deixando livre a lateral, a qual apresenta bordas rasgadas, o que sugere que seu conteúdo já foi retirado e não está disponível para a leitura.

### **7.3 Sobre o suporte para a capa e fólios**

A fixação feita por argolas destoa do restante do conjunto de diários, sendo o único que não houve o uso de costura manual ou fixação em papel de forma direta. Esse tipo de elemento lembra a noção de catalogação por datas. A proposta de mantê-las juntas em um mesmo lugar. Revisita a prática de manter uma ordem aos acontecimentos e sua evolução durante os meses que se seguiam, e a possibilidade de acessar o seu conteúdo a qualquer momento.

A substituição das páginas por envelopes constata a lembrança de um tempo que perpassava de maneira diferente, há uma relação da espera em se ter notícias, e das sensações que me eram apresentadas após a leitura. E isso convocava outro tipo de expectativa na direção da vida. Refere-se às páginas escritas à mão, com intuito de descrever os momentos com palavras relatando os pensamentos e sentimentos pessoais.

#### **7.4 Sobre a cor**

E se fosse possível encaixotar as memórias? Junto a elas, manteria a cor dos momentos. Associo a cor a diversos momentos da minha vida, de maneira inconsciente, penso em relação à sensibilidade e a delicadeza, na ansiedade da espera e o encontro com a mistura de todas elas, como se cada um deles pudesse ser representado por cores de maneira singular.

A opção para esse diário apresenta cores suaves e a fluidez do tecido pintado à mão nos mesmos tons de amarelo, laranja e levemente esverdeados e o dourado, além das cores dos envelopes em rosa, azul e bege claro, que dispunha de poucas opções de escolha naquela época.

Relaciono a manualidade e a lembrança, talvez por acreditar que pela simplicidade que havia nas relações ainda não amadurecidas, e depois me coloco a pensar sobre a dureza que a vida nos impõe.

A intenção talvez seja a de dizer de momento de singeleza simbólica a qual estava submetida em outras ocasiões, hoje eu sou testemunha de uma comunicação em desuso e a constatação que faço diante disso, não é somente que há uma transformação intrínseca ao progresso, mas que fui agente na atuação no desenvolvimento desse período.



**FONTE:** ACERVO DA AUTORA

*Janice Silveira. Diário: Cartas que escrevi.*

## **DIÁRIO 5: POR ONDE ANDEI**

*Tudo passa e tudo fica,  
Porém, o nosso é passar,  
Passar fazendo caminhos  
Caminhos sobre o mar*

*Nunca persegui a glória  
Nem deixar na memória  
Dos homens minha canção  
Eu amo os mundos sutis  
Leves e gentis,  
Como bolhas de sabão*

*Gosto de vê-los pintar-se  
De sol e grená, voar  
Abaixo o céu azul, tremer  
Subitamente e quebrar-se...*

*Caminhante, são tuas pegadas  
O caminho e nada mais;  
Caminhante, não há caminho,  
Se faz o caminho ao caminhar (Antônio Machado)."*

## 8. DIÁRIO 5: POR ONDE ANDEI

FIGURA 17:



FIGURA 18:



FIGURA 19:



FONTE: ACERVO DA AUTORA

**Figuras 17, 18, 19, 20, 21.** - Janice Silveira. *Por onde andei*. Diário: 10,4 X 13,5 cm, 2018.  
Encadernação Flag,  
Páginas papel duplex 100g dobrado em sanfona, com colagem de fotografias autorais do interior um prédio de Uberlândia, 6 páginas.  
Capa: Papel para aquarela 200g, pintura acrílica, aplicação de carimbo de arabesco.

### 8.1 Poética do Diário

Neste exemplar mostro uma série de imagens de um edifício histórico de Uberlândia, que abrigava a residência e o estúdio de fotografia de Ângelo Naguettini. Conhecido como Palacete Naguettini tem uma arquitetura que foge do senso comum da época, mas o que me interessava em visitar o lugar era saber que ali havia existido uma ação de manter viva a lembrança através das imagens.

O modo de registro de pessoas dos antigos estúdios fotográficos das décadas de 1940 e 1950 com suas particularidades me inspirou na realização da pintura feita na capa, que lembra um papel marmorizado, referência clara ao pano de fundo para as imagens de noivos, famílias e crianças e este cenário era normalmente pintado à mão, em tons claros e suaves.

FIGURA 20



FIGURA 21



FONTE: ACERVO DA AUTORA

Na construção do diário imaginei uma forma que eu pudesse manter uma subsequência de imagens para que delineassem o passeio pelos ambientes da escada e do terraço, pois não houve a possibilidade de entrar em outros cômodos.

## **8.2 Procedimentos**

A estrutura deste pequeno álbum de fotografias dispõe-se em um arranjo único, com os diferentes pontos visitados no prédio dialogando entre si. O tipo de encadernação é a *flag*, feita em papel duplex 100g, que se caracteriza pela dobra do papel no sentido do seu comprimento, formando pequenos espaços que se estende sobre si mesma, como o instrumento acordeom. Para compor os seus fólios escolhi imagens autorais que foram feitas em preto e branco, referência clara à técnica da época, cada foto foi colada na base do papel e posteriormente na capa.

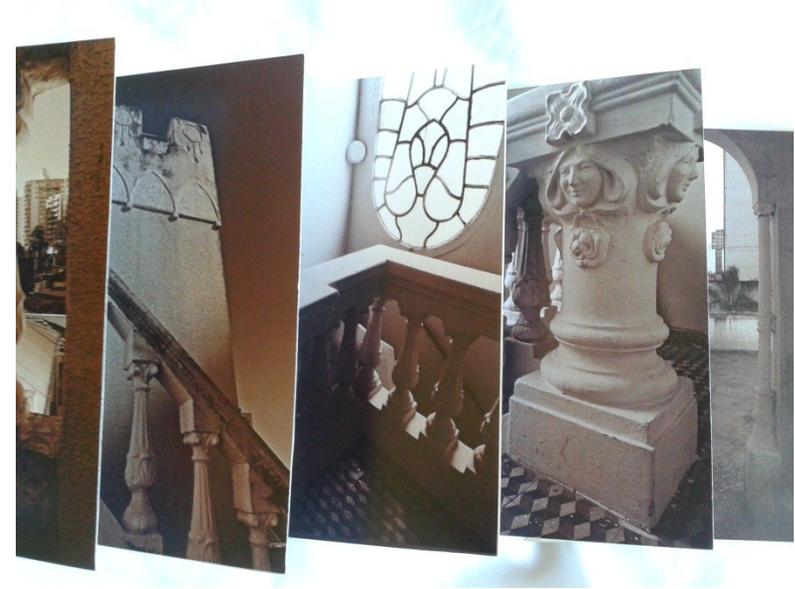
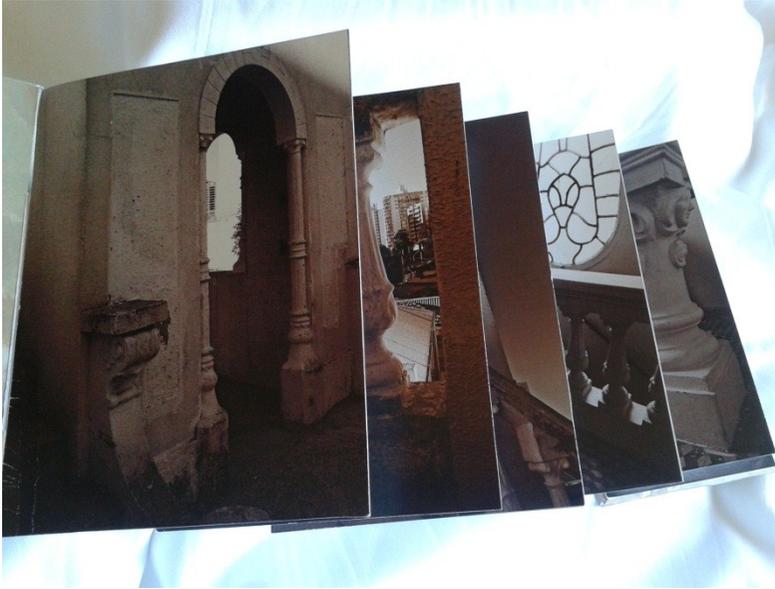
## **8.3 Sobre o suporte para a capa e fólios**

Encontro na encadernação *flag*, uma maneira de manter em só espaço visual, várias fotos, e a inteiração simultânea das mesmas. A finalidade é imaginar no instante da visita a recriação dos momentos já acontecidos ali no passado. O espaço foi registrado pela observação da luz iluminando cada espaço, o contato com os elementos decorativos das paredes e da escada, o piso em ladrilho hidráulico gasto pelo tempo, as colunas das escadas internas e externas, e para além disso, existe o registro da cidade ao fundo, reforçando a convivência do espaço público entre o passado e o presente.

Para estruturar os fólios de modo a ficarem suspensos foi feita a fixação na capa, que foi revestida com papel para aquarela pintando lembrando o efeito marmorizado. Esse tipo de referência está relacionado ao tipo de fundo ou cenário utilizado nos estúdios de fotografia do começo do século 20.

#### **8.4 Sobre a cor**

Com o intuito de mencionar o passado de forma clara, está no uso da fotografia em preto e branco, sem nenhum tipo de tratamento digital, renunciei a vontade de colorir qualquer uma delas, pois a finalidade era manter a simplicidade na imagem, onde a luz prevalece e mostrasse os detalhes que me eram de interesse. Restrita a capa a cor marmorizada é suave em tons de bege e verde e alguns pontos em branco, e associo um arabesco em sua face lateral, alegoria tipográfica utilizada para decorar capas de álbuns.



**FONTE:** ACERVO DA AUTORA

*Janice Silveira. Diário: Por onde andei.*

**DIÁRIO 6: TODO O AZUL DO MAR**

*“Foi assim como ver o mar,  
A primeira vez que meus olhos se viram no seu  
olhar,  
Não tive a intensão de me apaixonar,  
Mera distração, já era momento de se amar  
(Flávio Venturini)”.*

## 9. DIÁRIO 6: TODO O AZUL DO MAR

FIGURA 22:



FIGURA 23:



FIGURA 24:



FONTE: ACERVO DA AUTORA

**Figuras 22, 23, 24.** - Janice Silveira. *Todo azul do mar*. Diário: 28 X 8 cm, 2018.  
Encadernação: concertina com amarrações laterais, linha sintética.  
Páginas: pintura acrílica, papel para aquarela 200g, base de papel duplex 100 g, 11 páginas.  
Capa: papel para aquarela 200g, amarração com linha sintética.

### **9.1 Poética do Diário**

Para compor esse diário pensei sobre uma música que faz parte da minha história pessoal, ela conta de um amor incondicional, lançando mão do tema da música construí esse diário com o intuito de descrever o verdadeiro fascínio que as épocas passadas têm em meu espaço de composição visual.

### **9.2 Procedimentos**

A representação do mar acontece a partir do uso da encadernação feita de maneira em unir pequenos retângulos que são amarrados com linha branca em suas laterais. Em quadrantes eles formam uma sequência de onze peças, e ao ser colocado de pé remete a uma ação de ir e vir, assim como as águas do mar.

De acordo com esse aspecto revela que existe uma agitação, pois as páginas ao serem dobradas sugerem o movimento que interrompe e volta a acontecer, ora com tons de azul, ora com o verde e um leve tom de amarelo. A alternância produz uma transparência de uma espuma em certos momentos e em outros uma profundidade do encontro das águas que retornam e se misturam.

### **9.3 Sobre o suporte para a capa e fólhos**

A base do diário é feito com papel duplex 100g e foram fixados retângulos pintados em papel de aquarela, formando pequenas molduras em suas laterais. A capa acompanha as cores internas, onde os retângulos são fixados, mantendo a encadeamento proposto na execução do projeto.

#### **9.4 Sobre a cor**

A alternância de cor, neste caso de tons de azuis e branco, e verde e um leve tom de amarelo, o azul insinua a mistura das águas, a areia do mar é representada pelo amarelo, e o branco representa a espuma que se forma durante o seu encontro com a praia.

Lembranças acontecem como as águas do mar, elas se revelam de maneira singela, ora nos trazem a leveza de momentos, ora nos fazem repensar o que vivemos e aprendemos com ao longo da vida.

As nossas lembranças são como as águas, em alguns momentos estão mais superficiais, em outros se mantêm encobertas. Assim como o mar revela o que está na superfície, e encobre o que está ao fundo, a sucessão de fatos que são intercalados pelo acesso que mantemos com o passado em nossa vida.

O mais importante é pensar que existe um movimento constante que atualiza as nossas convicções, convocando mudanças, provocando mudança de opiniões, e é nesse movimento onde podemos encontrar a delicadeza do sossego.



**FONTE:** ACERVO DA AUTORA

*Janice Silveira. Diário: Todo azul do mar.*

***DIÁRIO 7: MAPEANDO A CIDADE***

*“But I still haven’t found what I’m looking for (U2).”*

## 10. DIÁRIO 7: MAPEANDO A CIDADE

FIGURA 25:



FIGURA 26:



FIGURA 27:



**FONTE:** ACERVO DA AUTORA

**Figuras 25, 26, 27, 28, 29.** - Janice Silveira. *Mapeando a cidade*. Diário: 21,3 X 15,3 cm, 2018.

*Encadernação:* Em fólios, costura copta, linha sintética.

*Páginas:* páginas em papel Kraft 200g, páginas pautadas em papel pólen 90g, fechamento com clip plástico, escrita manual, com colagem de um mapa da cidade de São Paulo, pintura acrílica, fotos autorais de Estação da Luz, Estação Júlio Prestes, Centro velho, Viaduto Santa Efigênia, Centro Cultural São Paulo, Teatro Municipal, Casa das Rosas, 12 páginas.

*Capa:* papel Kraft 200g

### 10.1 Poética do Diário

Nas páginas desse diário está contido em imagens o meu prazer em visitar a cidade de São Paulo, pela sua atmosfera de alternância dos espaços que mantêm um convívio do passado com o presente. Um mapa faz a base de cada página, onde são coladas fotografias de parte do local visitado, marcado partida e chegada.

A caminhada proporciona as mais diversas sensações, pois tenho a possibilidade de me encontrar em lugares inusitados, pontos onde há uma mistura de prédios construídos no passado e estes mantêm um estilo de várias décadas e misturados com a modernidade. O que me interessa especificamente são os lugares que mantêm as características do passado.

FIGURA 28



FIGURA 29



FONTE: ACERVO DA AUTORA

Os passos dados nas ruas da cidade são assinalados pelas descobertas, e por constatações em reconhecer determinados lugares históricos. Reconhecer a minha história em algumas regiões é sempre algo enriquecedor, conhecendo a maneira pela qual fomos influenciados por outras culturas, pois é possível distinguir os vestígios deixados em fachadas, em detalhes em pisos, vitrais espalhados por uma série de pontos da cidade.

## **10.2 Procedimentos**

O revestimento da capa é de um tom neutro feito com papel Kraft, sem indicação para o que há dentro do diário, o papel foi utilizado para os mais diversos fins durante décadas, aqui faço o uso como maneira de recordar tal fato.

Para o desenvolvimento de suas páginas utilizei o mesmo papel Kraft 200g e a colagem de parte de um mapa distribuído em espaços culturais da cidade, nele associo a pintura acrílica em cores e só a partir desse ponto faço a colagem das imagens.

O resultado encontrado são páginas que incorporam os dois tipos de linguagens, a pintura e a fotografia, mescladas em camadas que se sobrepõe, e vou descobrindo outras informações sobre o lugar, outras histórias então vem à tona cada nova etapa dessa caminhada, nesse espaço de reconhecimento da cidade.

No decorrer desses trajetos, procuro informações sobre a história local, mas são nesse local onde acontece também algum tipo de evento cultural, o que confere um instante ainda mais prazeroso em permanecer ali.

As fotografias foram feitas em datas diferentes, não compõe parte de só momento, os lugares representados são da Estação da Luz, a Estação Júlio Prestes, prédios do centro velho, Viaduto Santa Efigênia, Centro Cultural São Paulo, Teatro Municipal, Casa das Rosas, essa lista longa traça um roteiro onde acontecem eventos ligados à cultura.

### **10.3 Sobre o suporte para a capa e fólhos**

Para compor as páginas foi usado o papel Kraft 200g o que sustenta a colagem de parte de um mapa que adquiri em uma de minhas viagens, sobre ele apliquei a tinta acrílica em várias cores, sugerindo marcas deixadas pelo uso. Assim depois do suporte pronto associe as fotografias, que foram coladas sobre o trajeto que empreendi.

Cada página foi costurada de maneira a abrigar as colagens e realizar uma sequência de eventos, em pontos diferentes da cidade e ao final tenho um trajeto extenso de percorrido.

Afirmar que já conheço todos os aspectos dessa camada é de certa forma pretencioso, porque a cada nova visita conheço outras características inerentes à cultura, a referência arquitetônica que não havia percebido antes.



**FONTE:** ACERVO DA AUTORA

*Janice Silveira. Diário: Mapeando a cidade.*

## **UMA SÉRIE DE CORES...**

*“Chegarei assim diante dos campos, dos vastos palácios da memória, onde estão os tesouros de inúmeras imagens trazidas por percepções de toda espécie. Lá também estão armazenados todos os nossos pensamentos, quer aumentando, quer diminuindo, ou até alterando de algum modo o que nossos sentidos apanharam, e tudo o que aí depositamos, se ainda não foi sepultado ou absorvido no esquecimento. Quando ali penetro, convoco todas as lembranças que quero. Algumas se apresentam de imediato, outras só após uma busca mais demorada, como se devessem ser extraídas de receptáculos mais recônditos. Outras irrompem em turbilhão e, quando se procura outra coisa, se interpõem como a dizer: “Não seremos nós que procuras?” Eu as afasto com a mão do espírito da frente da memória, até que se esclareça o que quero, surgindo do esconderijo para a vista. Há imagens que acodem à mente facilmente e em sequência ordenada à medida que são chamadas, as primeiras cedendo lugar às seguintes, e desaparecem, para se apresentarem novamente quando eu o quiser. É o que sucede quando conto alguma coisa de memória (Santo Agostinho)”.*

## **11. UMA SÉRIE DE CORES...**

### **11.1 Poética dos Diários**

Para os quatro exemplares Devaneios, Cores 1, Cores e formas, e Entremeios que compõem esta série uso as cores na representação das sensações que me invadem durante o percurso que faço nas cidades, elas refletem além das percepções, a lembrança que fica registrada na observação dos detalhes de casa lugar.

Apesar da ação de fatores ambientais e das modificações que são feitas ao longo dos anos. As cores permanecem como testemunhas de um momento anterior, e contam da estética visual empregada pela época, em cada lugar ficou registrado um tom, cada qual foi somado às folhas desse exemplar.

### **11.2 Procedimentos**

Para as páginas dos quatro diários usei papel duplex 100g, foi feita uma base em tinta acrílica branca e fui acrescentando camadas de cores que vão se misturando aos poucos, e a mudança acontece nos diários “Cores e forma” com a aplicação de textura com estêncil e no diário “Entremeios” acrescenta a costura com linha e cordão cru tingidos manualmente. A costura foi feita no sentido da altura, compondo um conjunto de fólhos que abertos desenvolvem um novo retrato de cores.

### **11.3 Sobre o suporte para a capa e fólhos**

A escolha do papel duplex foi feita no sentido conferir às páginas uma resistência que permitisse o acúmulo que seria criado pela colocação de camadas de tinta acrílica. A sua base preparada com a cor branca e várias camadas de tinta de outras cores feitas uma por uma formando camadas que se intercalam. Essas camadas formam uma leve textura, os arabescos e a costura

promovem o volume que salta da página e acolhe a finalidade do toque. Escolhi deixar somente as cores para manter um estado de contemplação, daquelas que encontrei pelo caminho.

Para compor a capa usei o papel Kraft 200g, sem menção ao conteúdo, pois a intenção era privilegiar o que há dentro do diário, e sua apresentação ao público.

## ***DIÁRIO 8: DEVANEIOS***

*“Cantar era buscar o caminho que vai dar no sol,  
Tenho comigo as lembranças do que eu era  
(Flávio Venturini).”*

## 12. DIÁRIO 8: DEVANEIOS

FIGURA 30:



FIGURA 31:



FIGURA 32:



**FONTE:** ACERVO DA AUTORA

**Figuras 30, 31, 32.** - Janice Silveira. Devaneios. Diário: 19,5 X 14 cm, 2018.

Encadernação: em fólhos, costura copta e francesa.

Páginas: papel duplex 100g, pintura acrílica, 14 páginas.

Capa: Papel Kraft 200g



**FONTE:** ACERVO DA AUTORA

*Janice Silveira. Diário: Devaneios.*



## **DIÁRIO 9: CORES 1**

*“A cor é um produto cultural; não existe se não for percebida, isto é, se não for, não apenas vista com os olhos, mas também e sobretudo decodificada com o cérebro, a memória, os conhecimentos, a imaginação. (Michel Pastoureau).”*

### 13. DIÁRIO 9: CORES 1

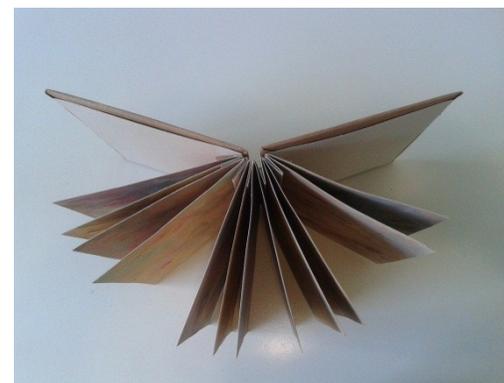
FIGURA 33:



FIGURA 34:



FIGURA 35:



**FONTE:** ACERVO DA AUTORA

**Figuras 33, 34, 35.** - Janice Silveira. Cores 1. Diário: 19,8 X 15, 2 cm, 2018.

*Encadernação: em fôlios, costura francesa e copta. Linha sintética*

*Páginas: pintura acrílica abstrata, papel duplex 200g.*

*Capa: Papel Kraft 200g*



**FONTE:** ACERVO DA AUTORA

*Janice Silveira. Diário: Cores 1.*

## **DIÁRIO 10: ENTRE CORES E FORMAS**

*“Nuvens...  
Vão as nuvens...  
As imagens... que eu guardei pra mim  
Nuvens claras, sentimentos, transparentes,  
ondas de emoção  
Ondas... som das ondas...  
Carruagens...  
Pelo mar sem fim  
São viagens...  
São momentos...  
Que passaram e que não passarão...  
(Flávio Venturini).”*

## 14. DIÁRIO 10: ENTRE CORES E FORMAS

FIGURA 36:



FIGURA 37:



FIGURA 38:



**FONTE:** ACERVO DA AUTORA

**Figuras 36, 37, 38.** - Janice Silveira. *Entre cores e formas*. Diário. 19,5 X 15 cm, 2018.  
*Encadernação: em fôlios, costura francesa e copta.*  
*Páginas: papel duplex 100g, pintura acrílica, aplicação de textura com estêncil, 8 páginas.*  
*Capa: papel Kraft 200g.*

### **14.1 Poética do Diário**

Nas páginas desse diário além da base feita em aguada, acrescento a textura feita com estêncil, às referências aqui colocadas são dos ambientes interno e externos de prédios construídos em outras décadas, tantos os do começo do século com a influência da estética europeia, quanto os dos anos de 1920 até 1960. Esses elementos faziam parte de vitrais, molduras de portais e janelas e possível reconhecê-los em prédios de nossa cidade, informando que era uma maneira corriqueira das cidades em ornamentar suas casas.



**FONTE:** ACERVO DA AUTORA

*Janice Silveira. Diário: Entre cores e formas.*



## **DIÁRIO 11: ENTREMEIOS**

*“Você verá que é mesmo assim:  
Que a história não tem fim  
Continua sempre que você  
Responde sim  
À sua imaginação” (Guilherme Arantes).*

## 15. DIÁRIO 11: ENTREMEIOS

FIGURA 39



FIGURA 40

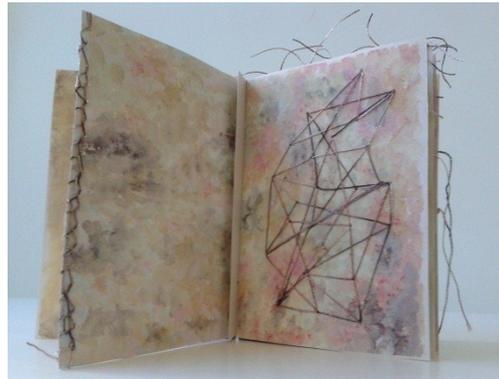


FIGURA 41



FONTE: ACERVO DA AUTORA

**Figuras 39, 40, 41.** - Janice Silveira. *Entremeios*. Diário. 20,3X 14, 5cm, 2018.  
Encadernação: em fólhos, costura copta e francesa.  
Páginas: papel duplex 100g, pintura acrílica, com aplicação de textura com estêncil.  
Costura manual com linha acrílica e cordão cru tingidos manualmente, 8 páginas.  
Capa: papel Kraft 200g

### **15.1 Poética do Diário**

As cores são o pano de fundo para compor as páginas, e revisito a prática da costura manual, esse método ensinado às meninas desde a sua mais tenra infância. Neste caso, a costura vem como um meio de descrever a trajetória em um mapa que não se mostra com ruas e pontos de referência, mas um mapa fantasioso, que existe na imaginação. Esses pontos se entrelaçam como em um movimento que se desenvolve durante um passeio, ou contam das lembranças que vão se juntando umas as outras ao longo do tempo.

Assim, ao representar as sensações em cores, promovo um modo de viver, um momento de contemplação, que é sem dúvida uma condição singular. A aplicação de textura em arabescos faz alusão aos elementos decorativos que encontrei e sempre reaparecem nos trabalhos que realizei, de alguma maneira influenciam pela concordância das formas, pela beleza que promovem ao serem inseridas em determinados ambientes.

Concluindo, relato a presença de lembranças advindas de viagens que fiz e de como os ambientes proporcionaram o exercício da percepção que preciso exercitar em uma nova trajetória como uma agente influenciadora na produção de arte.

## **DIÁRIO 12: ENCONTROS E DESPEDIIDAS**

*“ e assim chegar e partir,  
são só dois lados da mesma viagem.  
O trem que chega é o mesmo trem da partida  
(Milton Nascimento e Fernando Brant)”*

## 16. DIÁRIO 12: ENCONTROS E DESPEDIDAS

FIGURA 42



FIGURA 43



FIGURA 44



FIGURA 45



**FONTE:** ACERVO DA AUTORA

**Figuras 42, 43, 44, 45, 46, 47.** - Janice Silveira. *Encontros e despedidas Diário*. 22,2 X 15,5 cm, 2018. Encadernação: em fôlios, costura copta. Páginas: papel duplex 100g, pintura acrílica, aplicação de textura com estêncil, 14 páginas. Capa: Papel Kraft 200g.

## 16.1 Poética do Diário

Para compor as páginas desse diário me inspirei na penúltima viagem que fiz a São Paulo, passa por um momento de extrema delicadeza em minha vida e ao andar pela cidade comecei a repensar a vida. Na verdade era uma maneira de encontrar na arte uma maneira de abrandar a minha tristeza e reconhecer de onde vinham as minhas influências pelo gosto por admirar a arquitetura.

A reposta se deu quando entrei na Estação da Luz e fiquei por alguns instantes observando os trens que iam e vinham, as pessoas que chegavam e as pessoas que iam embora. Assim me reconheci naquele momento, era um momento para se pensar a despedida, tão dura e insuportável. Estava diante de sentimentos tão diferentes que se misturam à minha história pessoal, uma carga emocional tão difícil de suportar e pude então perceber que na vida a grande constatação feita é que devemos aproveitar ao máximo tudo aquilo que ela nos proporciona, sejam momentos cotidianos, até aqueles que se tornam inesquecíveis.

## 16.2 Procedimentos

Com a pintura de aguada, fiz a base de todas as páginas com cores que se misturam em camadas, e associei a colagem de fotografias recorrentes nesse trabalho, esses são lugares de São Paulo que me são simbólicos e onde encontro a beleza, a possibilidade de fazer parte de momentos que incluem eventos artísticos.

FIGURA 36



FIGURA 47



FONTE: ACERVO DA AUTORA

A costura feita no sentido da altura do diário, confere a possibilidade de manusear os fólhos e deixá-los à vista em uma apresentação do diário. Existe uma harmonia entre as cores e as imagens, quase que se fundem em determinados momentos, não era a intenção primeira, já que os processos de pintura aconteceram antes da escolha das fotografias e só depois a junção das imagens, pois o projeto inicial não estava definido nesse sentido. Existiu uma agregação aleatória e ao final houve uma semelhança nas cores contidas em cada página.

### **16.3 Sobre o suporte para a capa e fólhos**

Como nos processos anteriores, o uso do papel duplex 100g foi base de pintura acrílica realizada, também realizada com a alternância em camadas e só depois foi feita a colagem nas páginas, existe aqui também uma sequência de lugares. O início da caminhada é Estação da luz, depois uma trajetória pelo centro, passando pela Avenida Paulista até de novo retornar à Estação, onde a última imagem conta sobre os trilhos vazios.

Diferente dos outros exemplares, na capa feita em papel Kraft 200g, existe uma sobreposição de uma imagem, esta é uma das portas do Teatro Municipal de São Paulo, ícone de arte na cidade, local de extrema beleza e história.

A porta está fechada e em manutenção pois se percebe equipamentos de próximo a ela, insinua a entrada por um mundo de conhecimento e em construção assim como me sinto nesse momento, mas o mais importante é que está ali para ser aberta.

A escrita de trechos de uma música de Milton Nascimento faz a junção entre imagens, cor e concebe com maestria a intenção que esperava demonstrar e acomoda as sensações que nos invadem em ocasiões como os que representaram.

### **16.4 Sobre a cor**

A cor está nas páginas e nas imagens que se harmonizam, e descrevem a luz que se estende sobre os ambientes, promovendo uma impressão de parar o tempo exatamente como se dava a conhecer naquele instante, congelado para ser matéria de novas incursões na cidade, para de novo ser visto com o olhar da experiência.

A capa mantém o mesmo projeto dos outros diários, com a adição de uma imagem representativa em sépia, aqui revistada pela ação do programa Adobe Photoshop CS<sup>®</sup>, usado para dar uma nova cor indicando a atuação do tempo e pelo tempo.



FONTE: ACERVO DA AUTORA



Janice Silveira. *Diário: Encontros e despedidas*

**DIÁRIO 13: IN MEMORIAM**

*“When you're weary  
Feeling small  
When tears are in your eyes  
I will dry them all  
I'm on your side  
When times get rough  
And friends just can't be found  
Like a bridge over troubled water  
I will lay me down  
Like a bridge over troubled water (Paul Simon).”*

## 17. DIÁRIO 13: IN MEMORIAM

FIGURA 48



FIGURA 49



FIGURA 50



**FONTE:** ACERVO DA AUTORA

**Figuras 48, 49, 50.** - Janice Silveira. *In Memoriam. Diário.* 19 X 15,8cm, 2018.

*Encadernação:* concertina em papel Kraft, em fólhos em papel duplex 200g, costura francesa, linha sintética.

*Páginas:* em papel duplex 100g, pintura acrílica, aplicação de estêncil com textura, arabescos, 12 páginas.

*Capa:* em papel couchê fosco 180g

### **17.1 Poética do Diário**

O último diário do trabalho é uma lembrança singela de momentos incríveis que vivi e que jamais serão os mesmos daqui para frente, ele rememora elementos de paisagem que visitei ao longo da vida, das cidades históricas à grande metrópole, nele associei o que vi e o que ficou guardado sobre a as imagens que representei aqui.

No decorrer dos anos pude aprender sobre acontecimentos que hoje tenho a verdadeira noção de valor, foram horas conversando sobre a beleza de lugares, da emoção que se fazia presente no momento da descoberta e o que isso faria significado na minha vida.

Afirmar que o conhecimento é algo que ninguém nos tira, é fato, e agregar mais informações sempre nos dá capacidade de dialogar com o que nos é apresentado. Sobre essas coisas me deixo levar na direção de que houve uma influência permanente que me mostrou alguns passos que deveria seguir. Se foi cedo demais e não pude contar-lhe dos meus pequenos feitos até aqui, e hoje faço uma reflexão sobre tudo o que me ensinou a entender.

### **17.2 Procedimentos**

Trago nessas páginas de papel duplex 100g pequenos fragmentos de tantos lugares por onde andei, as páginas foram pintadas com fundo branco e depois foram feitas camadas em tons de bege e marrom concedendo um ar mais sóbrio à imagem, e neles foi aplicada a textura com estêncil de elementos decorados que vão desde prédios com influência barroca, até os de meados dos anos de 1970. O que me interessa são as formas e o que a cor produz sobre elas, além da profundidade que alcanço em determinados momentos.

### **17.3 Sobre o suporte para a capa e fólhos**

Feito para se tornar um diário que recebesse palavras, ao final do projeto permanece somente com pequenas frases escondidas em sua lombada, não sendo possível a sua visualização se permanecer somente sobre a forma de apresentação aberta, a intenção é realmente dizer de algo de foro íntimo.

A diagramação dos fólhos se dá no sentido da altura, para que as cores e os elementos sejam vistos de maneira parcial, formando uma nova imagem do todo, o prazer do toque se restringe ao manuseio que está em aberto, pode ou não ser convocado para esse fim.

O revestimento da capa foi feito com papel couchê preto 180g, o que proporcionou uma sobriedade e o tornou único nesta série.

Para finalizar, devo dizer que esse exemplar que exhibe a cor preta e por alguma razão que desconhecia inicialmente, só depois de me dar conta de todo o processo de conhecimento das nuances que regem a memória, compreendi o real valor do seu lugar nesse projeto. Longe de ser algo triste é na verdade uma celebração do prazer do conhecimento - estímulo constante, porém, só me dei conta da abrangência dos episódios no andamento da minha pesquisa, quando me dispus a conhecer a fundo os mecanismos que geram a natureza da lembrança.



**FONTE:** ACERVO DA AUTORA

*Janice Silveira. Diário: In Memoriam.*

## 18. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O prazer em realizar o trabalho na produção desses diários, algo que me interessa no ponto de vista da manualidade, e o resultado que consegui alcançar, não foram somente às horas dedicadas ao exercício da construção das páginas, mas foi entender que o tema me direcionou para várias questões pessoais, o que me mobilizou intimamente.

Na medida em que ia desenvolvendo cada página, me envolvi com lembranças que há muito tempo não povoavam o meu universo, e pude ponderar sobre o meu caminho acadêmico até este momento. Sentimentos se misturavam as cores e as formas que iam tomando vida a cada página, a sensação de busca e de encontro, muitas vezes não foi exatamente o que esperava, mas tinha uma função em descrever um esforço de empreender quase tudo que pretendia.

Digo quase, pois alguns projetos não vigaram, não por falta de trabalho, mas por entender que o horizonte de busca se pautava em outras coisas, em outros momentos, principalmente aqueles relacionados à minha permanência no curso de artes visuais. Tantos foram os acertos, mas outros tantos desacertos que em determinados momentos me deixaram apreensiva, e nem por isso estes foram menos importantes, tudo o que me afetou nessa trajetória trouxe aprendizado.

A escolha em fazer “diários” que remetesse ao universo das artes, foi pretencioso, para isso foi preciso trabalhar muito na proposta de mostrar algo que sustentasse a minha ideia, para tentar chegar a um ponto ideal para poder alcançar o resultado mais promissor.

Ainda estou buscando e creio, ainda não consegui chegar a um estágio onde eu possa afirmar ser o melhor, longe disso, os “diários” são na verdade um primeiro momento de muitos que virão e sei que falta muito para dizer que cheguei ao que me propus.

A tradução da angústia pela qual passei, é sem dúvida algo muito intenso, a todo instante, me questionava sobre o que estava fazendo e se o trabalho poderia demonstrar meu entendimento sobre tudo que experimentei no curso.

Entendo que o aperfeiçoamento pessoal, se dá pelo trabalho, onde existem erros e acertos, e aproveitar as experiências que surgem, são na verdade um processo de amadurecimento e vivenciar esse processo demandam persistência e paciência.

Sei que o meu trabalho tem sim um corpo, mas ainda em um estado de reconhecimento, a partir daqui devo ir além, e mesmo que isso seja difícil, é preciso, pois estarei sob olhares ainda mais críticos.

Enfim, em todos os processos aos quais nos propomos a realizar alguma coisa, é necessário empreender limites de busca, e retroceder quando for preciso, e o que isso realmente significa?

Que sou grata pela oportunidade de pertencer a esse novo mundo, imerso de tanta subjetividade e criação, em algum momento fui direcionada par esse lugar, e sei que pude compreender que desvendar um espaço tão diverso, só me trouxe grandes conquistas. Vivenciar a intensidade da descoberta de habilidades, é sem dúvida algo de um pertencimento inenarrável, a mim pertence à diversidade de imagens, e o conhecimento o qual me invadiu, e pretendo dele nunca mais me afastar.

Tomando-se tudo o que foi exposto nestes trabalhos, afirmo que o contato com as particularidades de cada imagem será interpretado pela visão do observador, ainda que esta não mude minhas memórias acerca do vivenciado. Retratar em minhas experiências, fez com que o meu olhar para as histórias cada dia que revisitadas seja díspar do anterior, posto que a cada momento estou renovada e assim com uma nova visão do já sentido e/ou vivido.

Não retrato apenas o momento que queria mostrar, mas também toda a trajetória e o que estava por trás da construção e efetivação do que foi documentado. Posso dizer, então, que vivo um pouco daqueles momentos sempre com a roupagem do futuro que ora é presente. Assim, reúno novamente o tempo e a memória.

Finalmente, posso assegurar que enquanto acadêmica, assim, constituindo que foi com espontaneidade, natural, ou de ordem aleatória, o trabalho de relatar fatos, locais e personagens em fotos, não é mero olhar. Mas sim fruto de um processo surgido da união entre as dimensões psicológica, artística e sociológica, em que a cada ano que se passava na academia foi tornando aquelas imagens mais significativas, os diários foram eficientes, se distinguindo como elementos de tentativa de aprisionamento daquele momento para que pudesse ser revisitado, fazendo a diferença nas vivências e análises em outros tempos.

Posso dizer que os diários, foram fundamentais para o conhecimento sobre a importância dos momentos vividos. Acredito que seja importante trazer a grande necessidade da realização de estudos sobre esta temática, uma vez que o fazer da arte contemporânea está cada vez mais vinculado ao vivido em ambientes cotidianos, revigorando e dando importância ao que o tempo tem a nos mostrar.

## REFERÊNCIAS

BERGSON, H. **Mélanges**. Paris: PUF, 1972.

\_\_\_\_\_. **Matéria e Memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1994.

\_\_\_\_\_. **Memória e Sociedade Lembranças de Velhos**. 19 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

COELHO, J. G. Being and time in Bergson, **Interface - Comunic., Saúde, Educ.**, v.8, n.15, p.233-46, mar/ago2004.

DRUCKER, Johanna. **The Century of Artists' Books**. New York: Granary Books, 1995.

FABRIS, Annateresa; COSTA, Cacilda Teixeira da. **Tendências do Livro de Artista no Brasil**. São Paulo: Centro Cultural São Paulo, 1985.

FERREIRA, AURÉLIO BUARQUE DE HOLANDA. **Miniaurélio Eletrônico**. Versão 5.12. ed.rev.atual. 2004: Regis Ltda.

MOEGLIN-DELACROIX, Anne. **Livres d'artistes: Collection Semaphore**. Paris: Centre Georges Pompidou/ Bibliothèque Publique d'Information; Éditions Herscher, 1985.

\_\_\_\_\_. **Esthétique du livre d'artiste 1960/1980**. Paris: Éditions Jean-Michel Place/Bibliothèque Nationale de France, 1997.

MOEGLIN-DELCROIX, Anne (org.). **Guardare, Raccontare, Pensare, Conservare: quattro percorsi del libro d'artista dagli anni '60 ad oggi**. Mantova : Edizioni Corraini, 2004.

SILVEIRA, Paulo. (Org.). **Ciranda: ensaios em narrativas visuais**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2005.

\_\_\_\_\_. **As existências da narrativa no livro de artista**. Tese de Doutorado em História, Teoria e Crítica de Arte. Porto Alegre: UFRGS, 2008.

\_\_\_\_\_. **A página violada: da ternura à injúria na construção do livro de artista**. Porto Alegre: UFRGS, 2008.

## SITOGRAFIA

BRILL, Alice. *In: Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras*. São Paulo: Itaú Cultural, 2018. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa139/alice-brill>>. Acesso em: 20 Abr. 2018. Verbetes da Enciclopédia.

FLUXUS. *In: Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras*. São Paulo: Itaú Cultural, 2018. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo3652/fluxus>>. Acesso em: 20 Abr. 2018. Verbetes da Enciclopédia.

GONÇALVES, Sandra Maria Lúcia Pereira. 2011. Fotografia, memória e Arte. Sobras, de Geraldo de Barros. *In: Contracampo*, 23:86-115. Disponível em: <<http://www.uff.br/contracampo/index.php/revista/article/view/156/85>>. Acesso em: 20 Abr. 2018.

GUIMARÃES, Joaquim Francisco Soares; REZENDE, Cácia Valéria de; BRITO, Ana Maria Plech de. **O conceito de memória na obra "Matéria e memória" de Henri Bergson**. Disponível em: [http://educonse.com.br/2012/eixo\\_04/PDF/37.pdf](http://educonse.com.br/2012/eixo_04/PDF/37.pdf)> Acesso em: 20 Abr. 2018.

ROSENTHAL, Hildegard. *In: Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras*. São Paulo: Itaú Cultural, 2018. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa10403/hildegard-rosenthal>>. Acesso em: 20 Abr. 2018. Verbetes da Enciclopédia.

SANTO AGOSTINHO. **Confissões**. Disponível em: <[http://sumateologica.files.wordpress.com/2009/07/santo\\_agostinho\\_-\\_confissoes.pdf](http://sumateologica.files.wordpress.com/2009/07/santo_agostinho_-_confissoes.pdf)>. Acesso em: 20 Abr. 2018.

POSSAMAI, Zita Rosane. Narrativas fotográficas sobre a cidade. *In: Rev. Bras. Hist.*, São Paulo, v. 27, n. 53, p. 55-90, Jun, 2007. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-01882007000100004&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882007000100004&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 20 Abr. 2018.